



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Gabriela Oliveira Guerra

**EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DO MAL-ESTAR NA
UNIVERSIDADE: TEMPORALIDADE E ESCRITAS DA
EXPERIÊNCIA**

Santa Maria, RS

2020

Gabriela Oliveira Guerra

**EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DO MAL-ESTAR NA UNIVERSIDADE:
TEMPORALIDADE E ESCRITAS DA EXPERIÊNCIA**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Taís Fim Alberti
Coorientadora: Prof^a Dr^a. Camilla Baldicera Biazus

Santa Maria, RS

2020

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pela autora.

Guerra, Gabriela Oliveira
EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DO MAL-ESTAR NA
UNIVERSIDADE: TEMPORALIDADE E ESCRITAS DA EXPERIÊNCIA /
Gabriela Oliveira Guerra.- 2020.
80 p.; 30 cm

Orientadora: Taís Fim Alberti
Coorientadora: Camilla Baldicera Biazus
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2020

1. Psicanálise 2. Mal-estar 3. Universidade 4.
Temporalidade 5. Escritas da experiência I. Fim
Alberti , Taís II. Baldicera Biazus , Camilla III. Título.

Gabriela Oliveira Guerra

**EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DO MAL-ESTAR NA UNIVERSIDADE:
TEMPORALIDADE E ESCRITAS DA EXPERIÊNCIA**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

Aprovado em 17 de abril de 2020:

Taís Fim Alberti, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Roselene Ricachenevsky Gurski, Dra. (UFRGS)
(Examinadora)

Simone Bicca Charczuk, Dra. (UFRGS)
(Examinadora)

Santa Maria, RS

2020

Agradeço a cada um(a) que emprestou espaço, tempo e afeto para que esta experiência se inscrevesse, a cada laço de sua tecitura...

“Se aquilo que está no centro sempre nos escapa, ao mesmo tempo em que nos impulsiona a seguir trilhando em sua busca. Se a origem de nossos percursos não é um centro mais ou menos denso e estático de bons motivos para nossos atos.

Se no nosso âmago entramos um vazio, uma perda que tem como consequência a possibilidade de estabelecer trilhamentos que encerram a potência do novo. Se faz algum sentido isso que Freud e Lacan nos ensinaram, as bordas que os trilhamentos de nossa memória desenham nesse vazio são consequência do modo como estabelecemos estes percursos de escrita de uma memória, de escritura psíquica, cujo comando do traçado só em parte nos pertence, pois o bordado desta trama também conta com as resistências, detenções, impulsividades de seu avesso. Mesmo que não sejamos os únicos senhores destas tesouras e destas linhas, o traçado de nossa história é da responsabilidade de cada um. Somos sempre e de qualquer forma responsáveis pela narrativa que construímos, pela experiência que tecemos, pelos remendos que cosemos.

Rememorar e contar a vida, contar e se contar nela, é escolher caminhos – e ser por eles escolhidos – no percurso que a memória abre. O desenho que temos ao final deste trilhamentos é de nossa autoria, muito embora não tenhamos em relação a ele o completo domínio – inelutavelmente ele não sai como tínhamos antecipado.

Isso porque, somos também por nossa fala falados, por nosso conto contados e nesse entre que se abre na distância que separa o lugar do narrador e o dos contornos de seus argumentos é que aparecemos como sujeitos de uma experiência. Sujeitos responsáveis por uma experiência. Estamos na fenda que liga e separa tecidos que não se homogeinizam pela costura que o submetemos”.

Simone Moschen Rickes, *No fio da palavra* (2006).

RESUMO

EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DO MAL-ESTAR NA UNIVERSIDADE: TEMPORALIDADE E ESCRITAS DA EXPERIÊNCIA

AUTORA: Gabriela Oliveira Guerra

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a. Taís Fim Alberti

COORIENTADORA: Prof^a Dr^a. Camilla Baldicera Biazus

A presente pesquisa parte de inquietações referentes ao sofrimento psíquico no contexto universitário, produzidas a partir da experiência de escuta da pesquisadora enquanto psicóloga em instituições da rede federal de ensino. Neste sentido, tem como objetivo geral construir, a partir da *escuta-flânerie*, espaços-tempo de reflexão sobre as expressões contemporâneas do mal-estar na universidade. Em sua especificidade, objetiva problematizar a dimensão sociopolítica do sofrimento, suas expressões e formas de reconhecimento no território universitário; bem como refletir sobre os fenômenos sociais do nosso tempo, os processos de subjetivação e as estratégias de inscrição no laço social na contemporaneidade. Além disso, busca sustentar, a partir de suas produções, a criação de dispositivos de intervenção clínico-política que possibilitem a passagem da vivência à experiência. A abordagem metodológica define-se por uma pesquisa em psicanálise. O delineamento desse método sustenta-se na proposta ético-metodológica tecida por Gurski (2008; 2012; 2014; 2019), na qual se articulam o referencial e a escuta psicanalítica com as construções dos escritos de Benjamin sobre o tema da experiência e a posição do *flanêur* em Baudelaire. Os participantes da pesquisa - técnicos, docentes e discentes ligados às atividades e projetos em Psicologia Clínica e Escolar Educacional na universidade - construíram escritas da experiência. Também foram incluídos nesse estudo alguns fragmentos discursivos de expressões midiáticas em reportagens atuais de sites de notícias na internet, recolhidos como restos do discurso social acerca do tema. A travessia da pesquisa foi trilhada na busca por delimitar territórios da experiência, nas passagens por seus diferentes espaços e tempos. O primeiro território situa os operadores conceituais que amparam a construção da escrita. O segundo, trata do percurso ético-metodológico de pesquisa em psicanálise e da escrita enquanto uma experiência limiar. Por fim, o terceiro, é construído pelas narrativas da experiência na forma de ensaio. A problematização quanto aos efeitos dos discursos que organizam o laço social nas vivências universitárias encontrou tensionamentos sobre nossos modos de ser e de viver, modos de produção e de circulação dos afetos. Precipitados da experiência que decantam de narrativas diversas, significantes que constituem formas de nomear o mal-estar, de fazer registro e inscrição do que inquieta, do que produz sofrimento, nos limiares da escrita. *O desamparo, a velocidade, a estagnação, a sobrevivência, o esgotamento, a indiferença, o silenciamento*. A importância deste estudo se presentifica nos espaços e tempos de reflexão forjados e na intenção de articular a produção da pesquisa com as demandas no laço social contemporâneo, bem como pela sustentação que dará a construção de propostas de intervenção que valorizem a experiência compartilhada.

Palavras-chave: Psicanálise. Mal-estar. Universidade. Temporalidade. Escritas da experiência.

ABSTRACT

CONTEMPORARY EXPRESSIONS OF UNEASINESS AT THE UNIVERSITY: TEMPORALITY AND EXPERIENCE WRITINGS

AUTHOR: Gabriela Oliveira Guerra
ADVISOR: Prof^a Dr^a. Taís Fim Alberti
CO-ADVISOR: Prof^a Dr^a. Camilla Baldicera Biazus

The present research starts from concerns regarding psychological suffering in the university context, produced from the researcher's listening experience as a psychologist in institutions of the federal education network. In this sense, its general objective is to build, from the listening-flânerie, spaces-time for reflection on contemporary expressions of uneasiness in the university. In its specificity, it aims to problematize the suffering socio-political dimension, its expressions and forms of recognition in the university territory; as well as reflecting on the social phenomena of our time, the subjectivation processes and the inscription strategies in the social bond in contemporary times. In addition, it seeks to support, from its productions, the creation of clinical-political intervention devices that enable the passage from living to experience. The methodological approach is defined by research in psychoanalysis. The design of this method is based on the ethical-methodological proposal made by Gurski (2008; 2012; 2014; 2019), in which the referential and psychoanalytical listening are articulated with the constructions of Benjamin's writings on the theme of the experience and flâneur's position in Baudelaire. The research participants - technicians, teachers and students linked to the activities and projects in Clinical and Educational School Psychology at the university - built experience writings. Also included in this study were some discursive fragments of media expressions in current news reports on internet news sites, collected as remnants of social discourse on the topic. The research crossing was traced in the search to frame experience territories, in the transitions for its different spaces and times. The first territory locates the conceptual operators that support the writing construction. The second deals with the ethical-methodological path of research in psychoanalysis and writing as a threshold experience. Finally, the third, which is constructed by the experience narratives in the form of an essay. The problematization regarding the effects of the discourses that organize the social bond in university experiences found tension on our ways of being and living, ways of production and circulation of affections. Coming from the experience that flows from diverse narratives, signifiers that constitute ways to name the uneasiness, to register what is restless, what produces suffering, on the writing thresholds. Helplessness, speed, stagnation, survival, exhaustion, indifference, silence. The importance of this study is present in the spaces and times of reflection forged and in the intention of articulating the research production with the demands in the contemporary social bond, as well as by the support that will give the construction of intervention proposals that value the shared experience.

Keywords: Psychoanalysis. Uneasiness. University. Temporality. Experience writings.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	09
1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O SUJEITO, O SOCIAL E A PSICANÁLISE: OPERADORES CONCEITUAIS	19
3 A ESCRITA COMO EXPERIÊNCIA LIMIAR: PASSAGENS DE UM PERCURSO DE PESQUISA EM PSICANÁLISE.....	26
3.1 OS TEMPOS DA PESQUISA E SEU PERCURSO.....	31
3.1.1 <i>Percurso-flânerie</i> na instituição: Registros da experiência da pesquisadora.....	31
3.1.2 Tempo do encontro: espaços-tempo de registro e compartilhamento da experiência.....	33
3.1.3 Tempo de leitura e análise dos registros da experiência da pesquisa: construção do <i>ensaio-flânerie</i>	34
4 FORMAS DE EXPRESSÃO CONTEMPORÂNEAS DO MAL-ESTAR NA UNIVERSIDADE: TEMPORALIDADE E ESCRITAS DA EXPERIÊNCIA.....	42
4.1 ACERCA DOS ESPAÇOS-TEMPO FORJADOS E DAS INSCRIÇÕES DAS EXPERIÊNCIAS.....	47
4.2 SOBREVIVÊNCIA. SOBRE A VIVÊNCIA. EXPERIÊNCIA. CONSTRUINDO POSIÇÕES ENUNCIATIVAS FRENTE ÀS EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DO MAL-ESTAR.....	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
6 REFERÊNCIAS.....	74

PREFÁCIO

O INÍCIO DO PERCURSO E SEUS (DES)CAMINHOS...

As experiências de trabalho...

As inquietações...

O flunar pela instituição, recolhendo os detalhes de seu cotidiano e o que escapa...

A vivência que interpela sem permitir uma paragem... um tempo de significação...

Os acontecimentos sociais e políticos que incidem bruscamente sobre os sujeitos. O choque da experiência, da incerteza do passo seguinte, da fragilidade da palavra, do cinismo e da hipocrisia.

A vulnerabilidade pelo desconhecido, a produção do desamparo, os abusos, as violências muitas vezes institucionalizadas...

Os laços, o compartilhar, o olhar, a voz, o afeto... a produção do encontro frente ao desvínculo, de ancoragens frente a errância de destinos.

O movimento do coletivo tentando construir bordas, contornos...

As passagens, que permitem ver além.

Os limiares, os intervalos entre acontecimentos que não cessam de interpelar.

As práticas para além do convencional.

A clínica implicada com o social e seus efeitos no sujeito.

Os encontros com a teoria... As interfaces entre os saberes. O movimento de distanciar-se do familiar... Os entrelaces...

As trocas com os pares... Laços de fortes amarrações. Ancoragens na sustentação do desejo.

As amarras do sistema de produção acadêmica... os impasses... os desencontros, a desorientação... A exigência desimplicada, sem suporte... A produção do desamparo... O gozo frente ao desamparo do outro... O registro sem o acontecimento...

A travessia da escrita, a temporalidade da experiência, o ato de pesquisar...

A escrita atravessada pelo tempo do limiar. A busca pela atemporalidade de uma escrita em associação livre, que permita a precipitação do sujeito do inconsciente. A contrapelo, por uma via avessa, em um outro tempo de caminhar, na suspensão de um ritmo, no contrafluxo, na contramão das imposições, dos imperativos, da aceleração, da

individualização, do assujeitamento. A construção de uma autoria, uma inscrição. Os efeitos a posteriori...

O flâneur, a flânerie... uma nova experiência do tempo... o tempo da experiência...

Os sujeitos, o espaço, o território, a universidade...

O mal-estar, o sofrimento, o desamparo, o estranho, o contemporâneo...

O escuro, a luz, os lampejos...

Significantes que acompanham um percurso, uma travessia...

E durante o caminho passam a formar uma rede, se enlaçam...

1 INTRODUÇÃO

O desejo de iniciar o percurso da presente pesquisa parte das inquietações acerca do sofrimento psíquico no contexto universitário, produzidas a partir de minhas experiências de escuta enquanto psicóloga em instituições da rede federal de ensino. A primeira delas foi uma instituição federal de educação, ciência e tecnologia do interior do Estado, a qual me permitiu vivenciar a atuação junto à equipe multiprofissional de assistência estudantil, com a especificidade de atender a populações de dois países, a partir da oferta de cursos binacionais. Mais recentemente, tais inquietações estão ligadas às experiências de trabalho no curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria, tendo como local de atuação a Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia – CEIP¹. A CEIP é um Programa de Extensão Universitária vinculado ao Curso de Psicologia, onde se desenvolvem projetos fundamentados na teoria psicanalítica. Dentre as atividades realizadas está o Estágio em Psicologia Clínica, durante o qual acadêmicos do curso prestam atendimento clínico e acompanhamento psicológico individual à comunidade, supervisionados pelas psicólogas da CEIP.

Tais experiências, constantemente compartilhadas entre os pares - colegas de trabalho, em espaços de formação e discussão sobre a prática, trouxeram inúmeras reflexões sobre as demandas educacionais, sua expressão social e suas singularidades. Atravessamentos de questões ligadas à saúde mental dos estudantes, à exclusão social e às vulnerabilidades, questões relativas à inclusão no ensino, apareciam com frequência e com expressões similares nos dois campos de atuação. Na primeira instituição citada, foi possível experienciar, durante o ano de 2015, o processo de democratização do acesso ao ensino por meio das ações afirmativas, de assistência estudantil e os impasses no processo de permanência e inclusão dos alunos no ensino médio técnico e subsequente.

Esse processo teve início com a implementação de uma série de políticas públicas que intencionavam redimensionar o acesso e a permanência no ensino público no país, no contexto das transformações sociopolíticas e econômicas. A democratização do ensino superior surgia como forma de enfrentamento às desigualdades sociais, tendo na assistência estudantil² um instrumento de garantia de direitos sociais. Um marco importante neste

¹ Mais informações a respeito do Programa de extensão CEIP – Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia e sobre as atividades realizadas podem ser obtidas no endereço eletrônico: <http://coral.ufsm.br/ceip>.

² BRASIL. Decreto nº. 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispões sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Brasília, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm

processo foi o Plano de Reestruturação das Universidades Federais (REUNI)³, instituído por decreto no ano de 2007. A fim de refletir sobre este cenário e suas transformações ao longo da história, nos referenciamos à Chauí (2014), em sua compreensão da universidade como expressão da sociedade brasileira, espaço onde coexistem as divisões e contradições nela existentes.

Outra referência importante é o documento que trata do perfil socioeconômico dos estudantes de graduação das universidades federais de ensino, por meio de uma pesquisa desenvolvida pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES)⁴, no ano de 2018, a qual propôs a realização de um diagnóstico das vulnerabilidades enfrentadas. Dos 420 mil estudantes que responderam ao questionário proposto, aponta-se que o percentual de cotistas passou de 3,1%, em 2005, para 48,3%, em 2018. Além disso, a pesquisa aponta que as mulheres são maioria nas instituições federais e que, a partir de 2014, ocorre um aumento significativo de estudantes na faixa de renda mensal familiar per capita até um e meio salários mínimos - chegando a 70,2% em 2018.

Na Universidade Federal de Santa Maria, minha inserção no Curso de Psicologia e na CEIP, no ano de 2016, ocorreu em um momento em que se refletia sobre as possibilidades de acolhida de demandas de intervenções - no âmbito da extensão universitária - para além da clínica individual, em contextos e fenômenos sociais. Neste momento, fomos chamados a atuar frente a situações diversas. Destacavam-se as demandas de instituições escolares com crianças e adolescentes e os diagnósticos atrelados às queixas escolares - as quais também configuravam grande parte dos encaminhamentos para atendimentos clínicos individuais. Também surgiam demandas referentes ao sofrimento psíquico do estudante universitário e às situações de crise, às vulnerabilidades, à exclusão e às violências vivenciadas por estes, ao adoecimento de docentes e servidores na instituição, bem como ao acolhimento a estudantes imigrantes e refugiados que chegavam à instituição por uma forma de ingresso específica⁵. Além destas, também se apresentavam a nós solicitações de intervenções junto às pessoas em situação de encarceramento, jovens acolhidos em instituições para cumprimento de medidas socioeducativas, bem como junto a agentes socioeducadores.

³ BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm.

⁴ ANDIFES. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-PerfilSocioecon%C3%B4mico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>

⁵ Trata-se da Resolução n. 041/2016, que institui o Programa de Acesso à Educação Técnica e Superior da UFSM para Refugiados e Imigrantes em situação de vulnerabilidade, por meio de vagas suplementares por curso no semestre letivo.

Tais demandas passaram a se apresentar com mais frequência ao Curso de Psicologia e à CEIP após sua mudança para o campus da UFSM, no ano de 2015, principalmente em função de uma maior proximidade e articulação com outras subunidades da instituição, seus respectivos trabalhos no âmbito da extensão e a percepção da necessidade de construção de ações interdisciplinares. No que diz respeito à especificidade das demandas relativas ao mal-estar e sofrimento psíquico manifestos no espaço educacional, a localização da CEIP no território do campus possibilitou um lugar possível de endereçamento na busca por acolhida.

No cenário social surgiam manifestações na mídia e nas redes sociais acerca da expressividade e do reconhecimento das situações de sofrimento psíquico nas instituições de ensino, fazendo emergir os mais variados discursos sobre o tema, em sua maioria vinculados à prevalência diagnóstica, com destaque às manifestações sintomáticas mais expressivas e à necessidade de ações de prevenção em saúde mental. Um dos artigos de maior destaque nesta discussão, de autoria da professora, cientista social e antropóloga Rosana Pinheiro-Machado⁶, intitulado “*Precisamos falar sobre a vaidade na vida acadêmica*”⁷ e publicado no ano de 2016, problematizou o adoecimento na academia em tom de denúncia e manifesto contra a opressão, em um sistema cujo *modus operandi* sustenta-se nas lógicas de produtividade e competitividade, da “perversidade dos pequenos poderes”, sendo o sofrimento muitas vezes relacionado à falhas individuais. As reações a esta publicação deram origem às pesquisas da autora acerca do tema. Em seu texto “*Depressão e sofrimento na pós-graduação: frescura catártica ou saúde pública?*”⁸ a autora destaca a complexidade da discussão, apontando para uma crise no sistema global, a partir de referências a pesquisas internacionais. Destaca a necessidade de uma análise que se detenha nos elementos internos à dinâmica acadêmica, sem deixar de olhar para a questão estrutural, relacionada às dimensões sociopolítica e econômica da atualidade, caracterizando uma “racionalidade neoliberal”⁹.

No ano de 2017 diversos casos de suicídio em diferentes instituições educacionais do país ganharam expressividade nas mídias, originando uma série de debates acerca do tema, grande parte mobilizados pelo movimento estudantil. Publicações de testemunhos da vivência universitária nas redes sociais denunciavam situações de violência, problematizando as

⁶ Rosana Pinheiro-Machado é Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pesquisadora do Australian Research Council no projeto *New Consumer Cultures in the Global South* e colunista do Intercept Brasil.

⁷ Artigo publicado na coluna da autora na Revista Carta Capital, disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/precisamos-falar-sobre-a-vaidade-na-vida-academica/>

⁸ Artigo publicado no ano de 2018, disponível em: <http://rosanapinehiromachado.com.br/pt/depressao-e-sofrimento-na-pos-graduacao-frescura-catartica-ou-saude-publica/>

⁹ Termo utilizado pela autora que nos remete à definição de Chauí (2014, s.p.): “O neoliberalismo é o encolhimento do espaço público dos direitos e o alargamento do espaço privado dos interesses do mercado.

lógicas de produção e a normatização de práticas opressivas, muitas vezes negligenciadas ou interpretadas como intrínsecas à trajetória acadêmica. A Revista Arco, publicação de jornalismo científico e cultural da Universidade Federal de Santa Maria, tratou sobre a temática em uma de suas edições¹⁰, contextualizando a discussão na instituição, destacando a mobilização a partir das redes sociais.

Uma delas foi a lançada pela campanha *#NãoéNormal*, criada por alunos da Universidade de São Paulo, com o intuito de alertar para as normatizações instituídas no sistema acadêmico, muitas delas referentes às exigências de privações de toda a ordem para *sobreviver* ao tempo de formação. A reportagem também destaca a iniciativa da construção de um evento de discussão acerca da saúde mental na UFSM, convocando à abertura de espaços de reflexão e de acolhimento, o qual chamou atenção pelo título escolhido: “*O que você faz da meia-noite às seis?*” Tal questão, comumente escutada na voz dos professores segundo os estudantes, faz referência às exigências ininterruptas de produção, dedicação e desempenho, que demandam privações e não permitem intervalos.

Mais recentemente, o jornal Zero Hora publicou a reportagem “*Depressão e ansiedade de universitários: um problema em ascensão que preocupa especialistas e instituições*”¹¹, a qual trata da “deterioração” da saúde mental dos estudantes e das ações realizadas pelas universidades, enfatizando a ocorrência de casos de suicídio nas instituições gaúchas, o que considera-se, nesta publicação, um “fenômeno grave em andamento”, frente ao qual se multiplicam programas de suporte.

c, bem como as interfaces das práticas com outros campos de conhecimento. Assim, surgiram os interrogantes iniciais que, ao longo do tempo, foram se transformando em problemas de pesquisa: Como construir a clínica a partir do que se engendra como demanda atual no laço social? Como se enlaçam a clínica, a pesquisa e a intervenção nos territórios da educação, sustentadas pela ética da psicanálise?

Ao colocar em questão as demandas do campo da educação à clínica, se faz necessário contextualizá-las. O que elas têm em comum? O que de fato demandam? A que saber se endereçam? De que forma convocam a clínica? Elas dizem das condições e de fenômenos sociais do nosso tempo, dos processos e modos de subjetivação construídos e das estratégias de inscrição no laço social. Nos trazem indícios das formas de expressão do mal-estar na

¹⁰ ARCO: Revista de Jornalismo Científico e Cultural da Universidade Federal de Santa Maria. n.9. jun/2018. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/9a-edicao/>

¹¹Reportagem publicada em 16 de agosto de 2019, disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2019/08/depressao-e-ansiedade-de-universitarios-um-problema-em-ascensao-que-preocupa-especialistas-e-instituicoes-cjze96go8034t01pau018bbe2.html>.

cultura, destacando-se o que se manifesta no campo da educação, junto aos imperativos e ideais sociais que anunciam, a patologização e a individualização do sofrimento, a estigmatização e as manifestações da exclusão e da violência em suas mais diversas formas. Remetem à dimensão sociopolítica do sofrimento¹² e ao desamparo social e discursivo¹³ presentes nas formas de subjetivação na contemporaneidade.

Ao nos permitirmos um tempo de escutar tais demandas, podemos fazê-las falar. Fazer a experiência falar, construir um modo de escutá-la a contrapelo, por uma via avessa à imposta pelo tempo atual, de construção de respostas imediatas, sem tempo de reflexão. É no desejo de forjar essa outra temporalidade que esta pesquisa se encontra. Um tempo em que se possa refletir sobre as formas de expressão do mal-estar e do sofrimento psíquico no território da universidade, a partir de alguns tensionamentos: quais os efeitos dos discursos que organizam o laço social no nosso tempo nas vivências universitárias? De que formas estas vivências são interpeladas pelos fenômenos sociopolíticos atuais?

Algumas de minhas reflexões tiveram acolhida nas leituras de autores da psicanálise, a partir de Freud e Lacan, e na aproximação aos escritos de Walter Benjamin, Hannah Arendt e Giorgio Agamben, de suas construções enquanto críticos de seu tempo, de sua época – tempo histórico, social – bem como do tempo em seu sentido cronológico e seus imperativos. Tal acolhida se deu também a partir das trocas, discussões e construções com o grupo de mestrandas da Linha de pesquisa Problemáticas de saúde e contextos institucionais, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSM, bem como nos tensionamentos produzidos pela participação em encontros do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, NUPPEC¹⁴ - Eixo 3: Psicanálise, Educação, Adolescência e Socioeducação.

Assim, inicio o percurso deste trabalho no encontro com esses autores e com a proposta ético-metodológica de pesquisa em psicanálise construída por Gurski (2008; 2012; 2014; 2019). Tal proposta foi tecida a partir da composição do referencial psicanalítico com os escritos de Benjamin acerca do tema da experiência e da posição do *flanêur* em Baudelaire, configurando-se a *escuta-flânerie* e a noção do *pesquisador-catador-de-restos* (GURSKI & STRZYKALSKI, 2018), instrumentos de pesquisa-intervenção sustentados na ética da

¹² Rosa, M.D. **A clínica psicanalítica em face a dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp.2016.

¹³ PUJÓ, M. **Trauma e desamparo**. *Revista Psicoanálisis y el hospital*, vol.17, jun/2000, p. 5-29.

¹⁴ O Núcleo é uma ação conjunta de docentes do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura e do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFRGS, do qual participam professores, pesquisadores e bolsistas. Mais informações podem ser encontradas em: www.ufrgs.br/nuppec e www.facebook.com/nuppec.

psicanálise. Tal articulação será abordada mais detalhadamente no segundo território trilhado por este estudo, o qual trabalhará o percurso ético-metodológico da pesquisa e as elaborações acerca da escrita a partir de sua travessia.

O filósofo Walter Benjamin destaca-se como grande pensador e narrador das questões do seu tempo social. A postura do *flâneur* – a qual o filósofo recolhe da obra de Baudelaire – é associada por Gurski (2014) à posição da escuta em psicanálise, no que concerne a atenção flutuante, que caracteriza o trabalho do psicanalista. O *flâneur* pode ser compreendido como uma espécie de testemunha da desmoralização da experiência que ocorria por obra do ritmo, inspirado no tempo industrial: “personagem híbrido, o *flâneur* questionou a fugacidade e a vivência do tempo, buscando, na *flânerie*, um outro modo de percepção, passível de incluir o inesperado na construção da experiência” (GURSKI, 2014, p.175).

A autora destaca ainda uma das lições do *flâneur*: “mesmo em meio às condições adversas e nada ideais, é possível construir espaços potentes de circulação da palavra e de produção criativa” (GURSKI, 2014, p.176). Assim, a partir da inspiração na obra benjaminiana, situa que a dimensão mais importante é a que dá a experiência o caráter de criação, de uma deliberação do sujeito, sempre a partir de uma rede de significantes coletivos. A inspiração na *flânerie* propõe um modo de pesquisar que se dá a contrapelo do ritmo imposto pela nossa sociedade, possibilitando-nos um modo investigativo de refletir sobre certas nuances do laço social, criando um modo de fazer a experiência falar (GURSKI, 2014).

Nesse sentido, propõe-se pensar nas especificidades que compõem a clínica, a pesquisa e as intervenções, para refletir sobre seus pontos de enlaces frente aos desafios colocados pelo campo social. Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral construir, a partir da *escuta-flânerie*, espaços-tempo de reflexão sobre as expressões contemporâneas do mal-estar na universidade. Em sua especificidade, objetiva problematizar a dimensão sociopolítica do sofrimento, suas expressões e formas de reconhecimento no território universitário; bem como refletir acerca dos fenômenos sociais do nosso tempo, dos processos de subjetivação e das estratégias de inscrição no laço social na contemporaneidade. Além disso, busca sustentar, a partir de suas produções, a criação de dispositivos de intervenção clínico-política que possibilitem a passagem da vivência à experiência.

A partir da abordagem da pesquisa em psicanálise, o percurso ético- metodológico do estudo foi tecido em três tempos. O primeiro tempo caracteriza o percurso-*flânerie* na instituição, a partir dos registros da experiência da pesquisadora, construídos em diários de experiência. A inspiração na figura do *catador de restos* buscou situar os diferentes discursos em seus detalhes, recolher testemunhos, cenas, histórias, memórias, fragmentos discursivos,

elementos do tempo atual a partir do que emerge das falas e escritas de diferentes fontes narrativas: expressões midiáticas acerca do tema e registros das demandas de estudantes universitários para atendimento psicológico na Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia da UFSM.

No segundo momento da pesquisa foram realizados convites à produção de um registro de experiência - uma escrita em associação livre – aos participantes, docentes, servidores e discentes que compõem a rede transferencial de trabalho da pesquisadora. Buscou-se ofertar a produção escrita como um primeiro dispositivo de intervenção frente à temática estudada, trabalhando, no a posteriori, seus efeitos nos sujeitos. Em seguida, foi proposto um espaço de roda de conversa, a fim de construir reflexões acerca dos efeitos de se colocar a escrever sobre sua experiência, na posição de testemunha, bem como na de transmissão narrativa ao grupo, em um espaço de invenção, de construção coletiva de dispositivos de intervenção frente à problemática situada.

No terceiro e último tempo da pesquisa, a partir da reunião de todo o material construído, foram realizadas as leituras e análises dos diários de experiência, dos registros de experiência dos participantes e a análise do que decantou da *escuta-flânerie*. Nesse sentido, a travessia da pesquisa foi se costurando, nesses diferentes tempos, constituindo espaços, delimitando territórios da experiência, por meio de tecidos discursivos bordados nesta escrita.

O primeiro território trilhado situa os operadores conceituais que amparam as construções e tensionamentos traçados. No segundo, nos encontramos com o percurso ético-metodológico da pesquisa em psicanálise e as elaborações acerca da escrita enquanto uma experiência liminar. Por fim, o terceiro território é construído pelas narrativas da experiência na forma de ensaio. Os dois últimos territórios situados foram contornados a partir das relações entre escrita e experiência construídas por Costa e Rinaldi (2012): inicialmente, tomando a produção da escrita como experiência liminar. Em seguida, passamos à escrita da experiência, tomando a primeira como forma de expressão da segunda, a fim de trabalhar os tensionamentos acerca das expressões contemporâneas do mal-estar na universidade.

A passagem do lugar de técnica, profissional convocada a atuar, à posição de pesquisadora, investigando as possibilidades de escuta e intervenção, abre espaço para o novo, potencializando a construção de novas respostas discursivas. Tais posições se enlaçam. A sustentação ética pela psicanálise enquanto campo teórico e clínico traz a convicção de que clínica e pesquisa estão entrelaçadas, bem como sujeito e social, singular e coletivo.

Tais questões justificam a relevância desta pesquisa, no sentido de possibilitar, através dos registros da experiência, a inscrição do que diz da singularidade dos sujeitos, junto ao que

é da ordem do social, da cultura e dos discursos compartilhados no laço social contemporâneo. A importância do estudo também se presentifica na intensão de articular a produção da pesquisa com as demandas no laço social contemporâneo, bem como pela sustentação que dará à construção de propostas de intervenção que valorizem a experiência compartilhada. Além disso, importa destacar as poucas produções existentes sobre a especificidade do tema, principalmente quando abordado a partir do referencial psicanalítico e tendo como recorte o cenário universitário. Estes tensionamentos vão ao encontro do que se percebe enquanto responsabilidade ética assumida na posição de psicóloga de uma instituição pública de ensino superior, atravessada pela implicação com o território e com os sujeitos que por ele circulam.

2 O SUJEITO, O SOCIAL E A PSICANÁLISE: OPERADORES CONCEITUAIS

Iniciamos a travessia deste estudo pelo território dos operadores conceituais, que servirão de balizas para as construções e os tensionamentos traçados em torno do tema do mal-estar e suas expressões no cenário universitário. Busca-se apresentar algumas elaborações recolhidas no encontro com autores que sustentam seu trabalho no referencial psicanalítico, inscrevendo este primeiro movimento da pesquisadora, na busca por costurar a experiência profissional com as produções teóricas.

Ao oferecer sua escuta em espaços para além do consultório, estendendo-a para a pólis, em instituições, novas questões se apresentam ao psicanalista. Muitas vezes convocam ao diálogo com outros campos de saber, ao aprofundamento de conceitos e a criação de dispositivos clínicos condizentes com a dimensão sociopolítica do sofrimento, que leva em conta as questões do sujeito enredadas às institucionais, sociais e políticas. De acordo com Rosa (2016) estas são práticas clínico-políticas, em consonância com uma psicanálise implicada. A psicanálise implicada é aquela constituída pela escuta dos sujeitos situados precariamente no campo social, permitindo teorizações sobre os modos como são capturados e enredados pela maquinaria do poder. “Ela leva em conta os efeitos do desamparo discursivo e constrói táticas clínicas que remetem tanto à sua posição desejante no laço com o outro, como às modalidades de resistência aos processos de alienação social” (ROSA, 2015; p.30).

Desde os primórdios da psicanálise Freud já afirmava a indissociabilidade entre indivíduo e sociedade, entre o social e o psíquico e se ocupava em pensar a articulação entre a teoria, a clínica e os fenômenos sociais. Uma de suas mais conhecidas passagens afirmativas dessa ideia encontra-se em seu escrito de 1921, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*:

Na vida psíquica do indivíduo, o outro entra em consideração de maneira bem regular como modelo, objeto, ajudante e adversário, e, por isso, desde o princípio, a psicologia individual também é ao mesmo tempo psicologia social nesse sentido ampliado, porém inteiramente legítimo (FREUD, 2016/1921, p.35).

Na construção de seu modo de investigação do inconsciente, por meio de seus textos sociais, Freud construiu uma teoria da cultura. Fenômenos sociais serviram de suporte às suas conceituações e ao longo de sua história, a psicanálise também se construiu como valioso instrumento de compreensão destes. Seus escritos abordam temas como a guerra¹⁵, a morte e

¹⁵ Como exemplo, podemos citar o escrito de Freud de 1915, *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, que trata da desilusão provocada pela guerra e a diferente atitude diante da morte, representando um testemunho

o poder, a origem da lei, dos pactos sociais e do laço libidinal que une os humanos. Além disso, Freud referia-se às problemáticas que relacionavam o sujeito a um fenômeno social ou político como aplicações da psicanálise a outros campos de saber, a exemplo o campo da arte, literatura, mitologia e história (ROSA, ESTEVÃO e BRAGA, 2017).

O estado de desamparo – em alemão, *hilflosigkeit* - conceito de destaque na obra freudiana, define-se como o protótipo das situações traumáticas, geradoras de angústia no adulto, confrontando-o com a impotência do estado de desamparo infantil (BETTS, 2014). Descrito inicialmente no escrito *Projeto para uma Psicologia científica* (FREUD, 1996/1985), situa a presença de um objeto primordial como condição básica para que o indivíduo se constitua, pois o pequeno humano é incapaz e, em função de sua imaturidade motora e psíquica, não dispõe de recursos para promover uma ação específica no mundo externo, dependendo de ajuda alheia.

Betts (2014) destaca o desamparo enquanto um conceito metapsicológico e uma condição estrutural primordial do ser humano, a qual procuramos fazer frente através da cultura, da civilização, do laço social, termos não diferenciados pelo autor a partir da teoria de Freud e Lacan:

Como o desamparo infantil é uma condição estrutural, ele implica desde o início uma abertura ao outro, ao outro cuidador, que interpreta os gritos e manifestações de desconforto e sofrimento do bebê como um apelo. Apelo que tem como resposta a significação sancionada pela interpretação dada aos mesmos pelo adulto. As significações atribuídas pelo adulto fornecem uma imagem do objeto de satisfação e seus traços são inscritos no corpo do bebê pelo dom materno da alternância de sua presença e de sua ausência. Esta alternância simbólica de presença/ausência condiciona o funcionamento das funções corporais intrincadas ao processo libidinal da montagem das pulsões que erogenizam o corpo, ao mesmo tempo em que constituem o lugar do sujeito nas relações de parentesco e no laço social (BETTS, 2014, p.11).

Menezes (2012) aponta que o termo *hilflosigkeit* - composto por “*helf*”, que significa auxílio, ajuda, proteção, amparo e pelo sufixo “*losigkeit*,” que indica carência, ausência, falta de – diz respeito a uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda – “*hilflos*” - sem recursos, sem proteção, sem amparo. Tal experiência estruturante do sujeito, relacionada à ausência ou falta de amparo, é referida aos primórdios da existência humana, à causa do laço

do momento em que vivia, bem como o texto de 1919, *Introdução a Psicanálise nas neuroses de guerra*, onde retrata as primeiras intervenções e construções da psicanálise diante do fenômeno da Primeira Grande Guerra Mundial.

com o Outro¹⁶, a partir da qual se constitui a posição do sujeito no laço social, intermediada pela linguagem. O enfrentamento deste estado de ausência de ajuda, de desamparo original, é de fundamental importância na constituição do sujeito. A concepção freudiana refere-se à condição de existência do sujeito no mundo, na civilização, que é apoiada numa condição de desamparo do psiquismo (MENEZES, 2012).

Lacan (1958-1959) retoma as construções de Freud acerca do conceito, apontando o desamparo, o “estar sem recurso,” como a posição mais primitiva de todas, pois se trata da posição de estar sem recursos frente ao desejo do Outro, diante do qual o sujeito deve situar-se. Para Koltai (2014), a noção de desamparo remete a experiência inevitável e inerente à condição humana de ser lançado ao estrangeiro, em um estado de dependência absoluta ao outro, confrontado ao enigma de seu desejo. A autora aponta ainda a relação desta definição com o mal-estar decorrente do que o sujeito vive como sofrimento ou impossibilidade de se relacionar com o outro e com o mundo, confrontando-se com as diversas situações de vulnerabilidade, as quais evidenciam o eterno conflito entre civilização e barbárie.

O grande Outro é definido por Quinet (2012) a partir da teoria lacaniana como um lugar psíquico, um lugar simbólico, o lugar dos significantes cujo discurso é o inconsciente - manifesto nos sonhos, lapsos, sintomas e chistes. Por ser da ordem do simbólico, é tecido de linguagem e pode ser encarnado no Outro de amor, ao qual se dirigem as demandas e ao qual está articulado o desejo. É o lugar de origem das determinações simbólicas da história do sujeito. Pujó (2000, p.5) destaca: “se o inconsciente freudiano dissolve a clássica oposição indivíduo – sociedade, o Outro lacaniano designa o lugar do social e sua função constituinte”.

Em *O mal-estar na Cultura*, Freud (2017/1930) tece sua teoria da cultura e uma série de teses fundamentais. Comparecem os elementos que serão cruciais como operadores de análises sociais e uma concepção de poder e de desamparo. Seligmann-Silva (2017) ressalta a importância de pensarmos o significado do termo alemão *Unbehagen*, mal-estar: o termo *behagen* (que na palavra está precedido pela negação *un-*) refere-se ao “sentir-se protegido”; *unbehagen* remete a estar desprotegido, a uma falta de abrigo, a uma fragilidade. O autor destaca a proximidade do termo com outro de grande importância para a psicanálise: *Unheimlich* – o estranho, sinistro, inquietante - título de um ensaio de Freud em 1919, tendo ele destacado como um dos sentidos, justamente “o que provoca mal-estar”.

¹⁶Lacan, em seu *Seminário, Livro 2* (1985/1954-55) diferencia duas instâncias ao tratar dos primórdios da constituição psíquica: define como “pequeno outro” o semelhante, objeto imaginário e como “grande Outro” o lugar de tesouro dos significantes, lugar da palavra, instância simbólica determinante do sujeito, responsável por sua inscrição na linguagem.

No referido escrito de 1930, Freud indica as três fontes de mal-estar e infelicidade para o ser humano:

A partir do próprio corpo, que, destinado à ruína e à dissolução, não pode prescindir nem mesmo da dor e do medo como sinais de alarme; a partir do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças prepotentes, implacáveis e destrutivas, e, por fim, das relações com outros seres humanos. O sofrimento que provém desta última fonte talvez seja sentido de modo mais doloroso que qualquer outro (FREUD, 2017/1930, p.64 e 65).

Assim, a fragilidade de nosso próprio corpo, a prepotência da natureza e a deficiência das disposições que regulam os relacionamentos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade, seriam as principais fontes de mal-estar. Freud (2017/1930) destaca ainda que na terceira fonte de sofrimento, a social, estão as disposições que nós mesmos criamos para nossa proteção contra o sofrimento, referenciando a natureza invencível de nossa própria constituição psíquica e a hostilidade da cultura. Suas proposições, nesse sentido, situam que a configuração do sofrimento é diferente em cada época histórica, bem como as disposições de respostas para o sofrimento.

A problemática do desamparo do sujeito no campo social é retomada por Menezes (2012) a partir do escrito freudiano de 1930, apontando a necessidade de uma renúncia pulsional como condição para viver em sociedade, sendo tal desconforto provocado pela frustração da satisfação pulsional sentido como mal-estar. A possibilidade da condição de desamparo concretizar-se em uma situação traumática é destacada pela autora, afirmando a construção do conceito em sua dupla face: a de uma condição fundante e estruturante do psiquismo e a de uma situação relativa ao excesso pulsional impossível de ser simbolizado. Assim, o sujeito precisa, constantemente, reinventar novos destinos para seu desamparo e tornar sua existência possível.

Nesse sentido, o mal-estar é situado como condição para criação da cultura e da civilização. Em *O futuro de uma ilusão* Freud (2017/1927) já definia a cultura como o que caracteriza a diferenciação do homem aos outros animais, o saber adquirido para dominar as forças da natureza e obter os bens para satisfação das necessidades, bem como as instituições necessárias para regular as relações humanas.

Em outro escrito – *Análise terminável e interminável*, Freud (1996/1937) define o educar, junto ao governar e o analisar, como ações impossíveis. Rosa (2016) propõe operadores psicanalíticos que sustentam a análise dos fenômenos sociais e políticos e as

práticas clínico-políticas. A autora retoma Freud quando este indica sua posição ético-política, ao referir à dimensão impossível do analisar, educar e governar - três modalidades de laço social:

A sua aposta ética é de que é impossível analisar, educar e governar integralmente qualquer pessoa. A dimensão inconsciente demonstra que há sempre um resíduo de resistência a tais práticas. Ou seja, há em sua concepção de sociedade e de sujeito uma dimensão de incompletude que limita a possibilidade de dominar, de escravizar ou de normatizar e adaptar plenamente a ideais ou a modelos sociais. Essa é a radicalidade com que a dimensão inconsciente subverte o laço social e sua política ao incluir a dimensão ética (ROSA, 2016, p.91).

Ao longo de sua obra Lacan nos indica que o sujeito é efeito do significante e do campo simbólico. Propõe o “inconsciente como discurso do Outro”, sendo este último o campo simbólico formado pelas grandes formações discursivas. Quinet (2012) refere que esta proposição indica não só que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, mas que o lugar do Outro equivale ao lugar do código pessoal dos significantes do sujeito. “O grande Outro é o conjunto de significantes que marcam o sujeito em sua história, seu desejo, seus ideais – eles sustentam suas fantasias inconscientes e imaginárias” (QUINET, 2012, p.24).

O autor destaca que no campo do gozo, estruturado pelos discursos que constituem os laços sociais, o outro toma um lugar diferente conforme esteja no discurso do mestre, do capitalista, do universitário, da histórica ou do analista, podendo ser tratado conseqüentemente como escravo, consumidor, aluno, mestre. Também aponta que os discursos como laços sociais definidos por Lacan propõem um modo de formalização das formas de vínculo entre as pessoas.

Em seu escrito *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise*, Lacan faz uma provocação aos psicanalistas para que não se alienem ao que se constrói no contexto histórico e social, advertindo: que antes renuncie à prática da psicanálise, portanto, “quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (LACAN 1998/1953, p. 322). Neste mesmo texto destaca: “o inconsciente é a parte do discurso concreto, como transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente” (LACAN 1998/1953, p.260). Assim, o discurso se caracteriza como o que possibilita o laço social, inserido ao campo da linguagem.

Na *Proposição de 9 de outubro de 1967* define a psicanálise em extensão como “tudo o que resume a função de nossa Escola como presentificadora da psicanálise no mundo”, e a psicanálise em intensão como a “didática, como não fazendo mais do que preparar operadores

para ela” (LACAN, 2003/1967, p.251). No *Ato de fundação* da Escola Francesa de Psicanálise, Lacan (2003/1971) reforça a importância da articulação da psicanálise com as ciências afins, para assim servirem ao esclarecimento uma das outras e complementarem-se.

Em seu seminário *O Avesso da Psicanálise Lacan* (1996/1970) destaca a definição de discursos como aparelhos de linguagem que estruturam o campo do gozo. Os laços sociais passam a se constituir como laços discursivos, caracterizando as relações do sujeito com seu semelhante, com o Outro e com o gozo. Tais modalidades de laço discursivo se articulam com aos três impossíveis apontados por Freud: governar, educar e psicanalisar:

Na perspectiva psicanalítica, os laços sociais têm seu fundamento na linguagem que inaugura a entrada do homem na cultura e remete à condição constitutiva do homem e da civilização. [...] materializam-se nos modos de relação em um dado tempo e lugar. Laços que inserem o sujeito simultaneamente no jogo relacional, afetivo, libidinal e também no jogo político, pautando a construção da história de cada um, inserida no campo discursivo de seu tempo. Os discursos que circulam num dado tempo indicam os modos de pertencimento possíveis para cada sujeito, atribuindo, a cada um, valores, lugares e posições no laço (ROSA, ESTEVÃO e BRAGA, 2017, p.364).

Rosa (2015. p.5) refere que a invisibilidade de conflitos gerados no e pelo laço social recai sobre o sujeito, “individualizando seus impasses, patologizando ou criminalizando suas saídas”. Ressalta que as produções subjetivas se constituem em consonância com um problemático encontro com o social, trazendo a necessidade de pensarmos a respeito dos fenômenos socioculturais e políticos da contemporaneidade nos tensionamentos com a sua incidência no sujeito.

É nesse sentido que Dunker (2015) situa o conceito de sofrimento como resposta às configurações de época, a partir dos vínculos com a experiência social, entendido por meio de seus modos de expressão e ligado aos processos de reconhecimento social. Define suas fontes ligadas a falta de experiências produtivas de determinação e às experiências da não identidade, destacando a natureza social e política do sofrimento. Afirma que este é indissociável de uma experiência narrativa que mobiliza sistemas sociais de valores, narrativas e experiências fracassadas de reconhecimento. Na fronteira entre mal-estar, sofrimento e sintoma, o autor conceitua a razão diagnóstica, a qual “opera cifrando, reconhecendo e nomeando o mal-estar em modos mais ou menos legítimos de sofrimento e, secundariamente, estipulando, no interior destes, as formas de sintoma” (DUNKER, 2015, p.20-21).

As renúncias pulsionais inerentes à vida em civilização. O mal-estar, o desamparo, o estranho e as formas singulares como incidem no sujeito. Os excessos impossíveis de simbolizar. O sujeito relacionado ao campo discursivo de seu tempo. Os laços constituídos como modos de relação num dado tempo e espaço. Os modos de pertencimento possíveis, as diferentes posições no laço social. Os resíduos do educar frente aos ideais e imperativos que se impõem. São estes restos recolhidos neste território da experiência que transportamos pelo caminho de seus tensionamentos.

3 A ESCRITA COMO EXPERIÊNCIA LIMIAR: PASSAGENS DE UM PERCURSO DE PESQUISA EM PSICANÁLISE

Registro aberto,

Primeiro desafio: fazer livre as associações que já conheceram o silêncio de um cárcere.

Abrir um registro. Forjar uma válvula que dê escape ao que nem sempre é dito.

Deixar que o acúmulo de vivências transcorra em vazamento de experiências e inunde minhas palavras sem medo de ser, por elas, levada ao desconhecido.

Como pode se esperar de um registro, o sentido do relógio desfavorece minha fluidez...¹⁷

Saímos do território que busca as balizas conceituais onde as experiências podem ser ancoradas e adentramos o território da narrativa dos tempos do percurso ético-metodológico da pesquisa em psicanálise. Neste espaço também se situa um primeiro bordeamento desta trama, o da produção da escrita como uma experiência liminar, como ato - através do qual o sujeito se faz reconhecer, em uma posição de autoria e enunciação - e também como um dispositivo de intervenção clínico-política.

Ao refletirem sobre a prática de pesquisa em psicanálise, propondo-se a traçar os caminhos que levam do campo à escrita, Ferreira e Vorcaro (2018) nos advertem que esta reverbera sobre o método com o qual o sujeito foi tratado, problematizando a própria transmissão da psicanálise. A incidência recíproca, do método e do caso, delimita o traço literal do real da clínica. Considerando que cada sujeito cifra um método próprio de inscrição no laço social, destacam que a clínica psicanalítica implica o sujeito no deciframento dessa modalidade singular de inscrição. Os instrumentos metodológicos da pesquisa em psicanálise, aliados a experiência de pesquisar, devem sempre partir da tomada em consideração do sujeito na pesquisa: o saber é suposto ao sujeito, condição inegociável para que seja considerada pesquisa em psicanálise. O enlace entre transmissão, conhecimento, saber e impasses da clínica – matéria da pesquisa, formam o nó que amarra discussões necessárias para o ato de pesquisar em psicanálise.

Ainda conforme as autoras, a oferta da palavra em diferentes instrumentos de pesquisa deve respeitar a regra fundamental da psicanálise: a associação livre, caracterizando-se como o que permite o enlace entre psicanálise em extensão - a aplicação da psicanálise – e a psicanálise em intensão – a prática clínica:

¹⁷ Fragmento de escrita da experiência produzida por uma discente participante do percurso desta pesquisa.

Não se trata apenas de oferecer a palavra, mas de supor saber naquele que fala, deixando-se surpreender com o que o sujeito produz sobre sua realidade, sua vida, suas experiências, operando, no mesmo movimento, uma possibilidade de que se aproprie do que diz e, no ato mesmo da enunciação, se renove e se crie (FERREIRA e VORCARO, 2018, p.16).

Conforme Rosa (2004), o método psicanalítico integra teoria, prática e pesquisa, sendo que a produção do objeto da pesquisa não é dada *a priori*, mas na e pela transferência, a qual se caracteriza como instrumento e método não restrito apenas à situação de análise. Destaca que a escuta do inconsciente opera na transferência, a partir dos efeitos deste no sujeito e nos laços que produz e ressalta que “o inconsciente está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais” (ROSA, 2004, p.342).

Elia (1999) destaca que o campo de pesquisa em psicanálise é o campo do inconsciente: “se pesquisar é ir em busca do que ainda não se sabe, não há campo mais radicalmente estruturado para isso do que o inconsciente, o que a própria materialidade literal da palavra inconsciente já diz” (ELIA, 1999, p.6). Em consonância com esta ideia, Poli (2005) afirma que os critérios éticos e epistêmicos coincidem no exercício clínico e na pesquisa em psicanálise, e enfatiza o princípio ético de que a realidade deve ser considerada sempre a partir da inclusão do sujeito na experiência.

Pesquisar em psicanálise, para Maia (2018, p.9), implica “uma investigação minuciosa, atenta ao detalhe aparentemente insignificante, àquilo que não se revela senão em uma qualidade de atenção exercida de modo muito especial e sutil”. Vale destacar, para a autora, que o método psicanalítico, desde Freud, tem a ver com a clínica e com o que se escreve com os restos a partir dela, tendo a fala e a escrita um lugar de destaque na demarcação do campo teórico, o que constitui a especificidade do discurso da psicanálise.

Em conformidade com esta ideia, dando valor aos restos que decantam da clínica, aos detalhes e traços mínimos presentes nos discursos, Gurski e Strzykalski (2018) tecem o enlace entre questões teórico-metodológicas encontradas em Freud, Benjamin e Baudelaire, a partir do fio que permite uma outra temporalidade do sujeito e do acontecimento, sustentando a aposta de que este último decante em experiência. Tal aposta encontra-se na suspensão de um tempo mais livre e distendido, propondo-se a ocupar a posição do *flâneur*, do *catador de restos* e de quem opera a partir da atenção flutuante.

Gurski (2012) apresenta a figura do *flâneur* - recolhida por Benjamin da obra de Baudelaire - como um personagem de resistência poética do século XIX, o qual tinha por costume “passar irreverentemente com suas tartarugas” nas ruas de Paris, ato que se

propunha a contrapor a velocidade do ritmo industrial imposto, caracterizando a crítica acerca do tempo da modernidade. Outro personagem que se destaca na obra de Walter Benjamin, segundo Gurski e Strzykalski (2018, p.411) é o *catador de restos*: “figura que perambulava pelas cidades modernas em busca daquilo que grande parte da sociedade considerava inútil: lixo, sucata, migalhas, materiais descartáveis”.

As autoras constataam a potência das convocações à reflexão feitas pelo filósofo, o qual recolheu “os elementos banais do presente e os detritos do passado para forjar maneiras de interrogar as questões de seu tempo” (GURSKI e STRZYKALSKI, 2018, p. 411). Tais figuras assemelham-se pelo ritmo distendido que permite a atenção aos detalhes, tecendo um outro olhar, atento às manifestações singelas do cotidiano e uma outra temporalidade na apreensão dos acontecimentos de sua época.

O tema da experiência (*Erfahrung*) é abordado por Benjamin (2017/1937) em contraponto ao conceito de vivência (*Erlebnis*), definindo este último como uma forma de experiência isolada, que não faz laço e não carrega nenhum valor coletivo. Destaca que um acontecimento pode decantar em experiência somente ao ser compartilhado, narrado, transmitido e denuncia o que chamou de esvaziamento da dimensão da experiência na modernidade (BENJAMIN, 2012/1933).

A transmissão entre gerações e entre os tempos ocupou Walter Benjamin. O filósofo se permitiu interpelar pela escuridão de sua época, produzindo escritos sobre suas sombras (Arendt, 2008). Recolheu elementos para pensar sobre a modernidade e a construção de um outro modo de relação com o tempo e com os acontecimentos. Em seus artigos “*Experiência e pobreza*” e “*O narrador*” menciona o silenciamento dos combatentes ao voltar da primeira grande guerra, apontando que estes retornaram “mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos” (BENJAMIN, 2012/1933, p.115). Denuncia a pobreza de experiências a partir da gradual extinção da arte de narrar, da tradição de compartilhar e transmitir histórias, afirmando que as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Problematizou o modo como se dá a transmissão da memória, do passado e da própria experiência.

O conceito de experiência é definido por Larrosa (2002, p.21) como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” A respeito dos sentidos da palavra experiência, destaca:

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz

indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o *ex* de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão *fara* também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo. (LARROSA, 2002, p.25)

O autor refere que o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, receptividade e disponibilidade, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, por sua abertura à sua própria transformação. Tensiona a escassez da experiência no contemporâneo pelo excesso de informação, por excesso de opinião, por excesso de trabalho e, ainda, por falta de tempo. Enfatiza que o acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. “A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos.” (LARROSA, 2002, p. 23)

Costurando as construções dos autores no que diz respeito ao método de investigação, retomamos as recomendações de Freud (2010/1912) aos praticantes da psicanálise, apontando as regras técnicas resultantes de sua experiência clínica. O autor define a atenção flutuante - a escuta despreocupada em notar alguma coisa, oferecendo a mesma atenção a tudo que se ouve - como a contrapartida à “regra fundamental da psicanálise”, a associação livre. Esta última é caracterizada como a exigência de que o analisando relate tudo o que lhe ocorre espontaneamente, sem crítica ou seleção.

Outra noção psicanalítica que se enlaça com esse outro tempo de reflexão engendrado por Benjamin é o tempo do só depois, o *a posteriori* (no alemão, *nachträglich*) proposto por Freud (2016/1896), sustentando uma concepção própria de temporalidade no funcionamento psíquico, onde uma inscrição só adquire significação para o sujeito em um momento posterior. Gurski & Strzykalski (2018) retomam esse conceito, referindo o tempo de compartilhamento e de construção narrativa necessário às vivências para que possam decantar

em experiência, acrescentando neste ponto também o que diz da própria relação do pesquisador com seus achados.

Em consonância com essas ideias Kehl (2009) destaca a temporalidade como a relação subjetiva dos sujeitos com o tempo. Tece considerações a respeito da brutalidade da relação dos sujeitos contemporâneos com o tempo, resumido à experiência da velocidade, remetendo-se às construções de Benjamin recolhidas da poesia de Baudelaire acerca do caráter de choque da experiência da modernidade, na intensão de produzir anteparos simbólicos.

No que diz respeito à especificidade da pesquisa psicanalítica Iribarry (2003) a situa em dois pontos fundamentais: inicialmente, por não incluir a necessidade de produzir inferências generalizadoras em seus objetivos, na amostra ou na escolha da população, pois seus resultados produzem uma mudança de posição sob a demarcação de novos sentidos pelo texto construído. Em segundo lugar, em função de que suas estratégias de análise de resultados não trabalham com o signo, mas sim com o significante.

O autor ressalta o analisante como modelo do pesquisador psicanalítico, estando este implicado como primeiro sujeito de sua pesquisa. Ainda, considera que o método da pesquisa psicanalítica não apresenta peculiaridades quanto à escolha dos sujeitos participantes, procedimentos de coleta de dados, instrumentos e materiais utilizados, ficando as etapas metodológicas a critério do pesquisador. Assim, a novidade é acrescentada nos dispositivos de análise dos dados. “Outra maneira de o pesquisador psicanalítico obter seu dado é convidando seus colaboradores à produção textual: os participantes recebem o convite de produzir um texto escrito sobre a temática pesquisada” (IRIBARRY, 2003, p. 124-125).

Ao apresentar um método de pesquisa psicanalítica com docentes, caracterizado como pesquisa-intervenção de orientação clínica, Pereira (2016) destaca a singularidade de sua construção, bem como o caráter inaugural da pesquisa neste campo, incluindo o modo como os participantes são interpelados pela demanda do pesquisador, o que, nesta perspectiva, pode ser considerada sua peculiaridade. O autor recolhe a metáfora freudiana do jogo de xadrez associada à pesquisa em psicanálise, onde “somente a abertura e o final do jogo são previstos contra a infinidade de jogadas que se desenrola nesse intervalo sem que se possa sabê-las ou mesmo prevêê-las” (PEREIRA, 2016, p. 72). Destaca também que tal método deve encerrar-se em si mesmo, a fim de não universalizar procedimentos e nem mecanizar a técnica.

Moreira, Oliveira e Costa (2018) apontam as tensões entre o saber psicanalítico e os moldes positivistas de produção de conhecimento, com ampla tradição no campo acadêmico. Sustentam que a pesquisa em psicanálise coloca o sujeito no centro da investigação e o objeto da pesquisa sempre está localizado na escuta das manifestações inconscientes, movimento que

parte da transferência do pesquisador diante do objeto e dos instrumentos da pesquisa. As autoras aproximam a posição do pesquisador à do analisante:

Quando a posição do pesquisador se aproxima da posição do analisante e supõe na figura do Outro (objeto de pesquisa) a detenção de algum saber, essa relação com o saber deve manter-se também sustentada pela primazia do significante em relação ao significado e pela impossibilidade de redução do Real ao campo da linguagem. A ética da psicanálise se traduz por uma ética do desejo, e este se define pelo campo irreduzível da falta. O princípio da pesquisa em psicanálise diz da sustentação desse ponto de impossibilidade em sua relação com o saber, um saber “não todo” e produzido no *a posteriori*, que se cria no caso a caso” (MOREIRA; OLIVEIRA e COSTA, 2018, P. 137).

Apontaremos a seguir a construção dos tempos do percurso ético-metodológico e as primeiras precipitações que deles decantaram.

3.1 OS TEMPOS DA PESQUISA E SEU PERCURSO

Retomando as questões norteadoras desta pesquisa e seus objetivos, a fim de refletir sobre as expressões contemporâneas do mal-estar na universidade e as demandas de intervenções clínicas frente ao sofrimento psíquico no campo da educação, intencionou-se criar uma torção nessas demandas, uma inversão, pela oferta de espaços de escuta, propondo-se falar do que vivem os sujeitos, compartilhar, registrar e transmitir sua experiência. Nesse sentido, foram propostos, a partir da *escuta-flânerie*, *espaços-tempo de reflexão* que possibilitaram a construção de uma narrativa da experiência endereçada ao outro, pelas vias de expressão na fala e na escrita. Dessa forma, é nesse lugar que se situa o *percurso-flânerie* dessa pesquisa, o qual foi composto de três tempos:

3.1.1 *Percurso-flânerie* na instituição: Registros da experiência da pesquisadora

Iniciou-se pelo registro da experiência da pesquisadora no percurso de trabalho na instituição a partir da construção dos *diários de experiência*, instrumentos metodológicos que acompanham todos os tempos da pesquisa. Caracterizam-se por compilados escritos que têm a escrita norteadora pelo movimento da associação livre. Tal modo singular de registro surge da necessidade de narrar o vivido, as experiências e as reflexões construídas, na intenção de transpor para a escrita aquilo que se decantou das vivências do pesquisador no campo. Destaca-se que essa construção não objetiva uma descrição completa dos acontecimentos, sendo essa uma ferramenta metodológica que lida radicalmente com a falta, sobretudo pela

ciência da “existência de um ponto de intransmissibilidade na linguagem que sempre resta e insiste sem possibilidade de inscrição frente às vivências e experiências que temos” (GURSKI, 2012; 2014; GURSKI & STRZYKALSKI, 2018).

Para a construção desse instrumento teórico-metodológico, a inspiração parte de três fontes: nas anotações e comentários breves de Walter Benjamin, guiados por seu olhar fragmentário, na busca pelos detalhes quase invisíveis; nos diários de campo construídos nos estudos antropológicos e da etnografia; e, também, nas notas breves que Freud dedicou-se a escrever em seus últimos anos de vida, registros onde se pode achar o esboço de grandes conceitos da teoria psicanalítica ao lado de notícias cotidianas (GURSKI; STRZYKALSKI, 2018).

A inspiração na figura do *catador de restos* buscou situar os diferentes discursos em seus detalhes, recolher testemunhos, cenas, histórias, memórias, fragmentos discursivos, elementos do tempo atual que sustentaram os tensionamentos direcionadores da construção de dispositivos de intervenção. O movimento de flunar pelas narrativas e espaços, sem buscar notar algo específico, percebendo a potência dos restos no cotidiano do trabalho institucional, a partir do que decantou da experiência, do que causou estranhamento no cotidiano, do que emergiu das falas e escritas de diferentes fontes narrativas:

- Restos do discurso social, captando fragmentos discursivos de expressões midiáticas acerca do tema em reportagens atuais de sites de notícias na internet, selecionadas em um recorte dos últimos dois anos.
- Restos do discurso presente nas demandas de estudantes universitários para atendimento psicológico na CEIP¹⁸, através dos registros dos motivos expostos nas fichas de inscrição. Foram recolhidos os documentos referentes ao último ano, tempo desde o qual as inscrições para atendimento psicológico na CEIP passam a ser realizadas via registro on-line no site do programa de extensão, através do preenchimento de uma ficha de inscrição, onde são expostos os motivos da procura por atendimento psicológico.
- Restos da experiência de profissionais e alunos vinculados aos projetos de extensão desenvolvidos junto ao Curso de Psicologia¹⁹. Estes últimos inauguraram o segundo tempo da pesquisa.

¹⁸ Para esta etapa da pesquisa foi solicitada a autorização institucional, bem como foram preservadas as identidades dos sujeitos.

¹⁹ Tais projetos estão vinculados aos programas de extensão CEIP (Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia) e PADEPSI (Programa de Acolhimento às Demandas e de Desenvolvimento de Práticas Psicológicas e Interdisciplinares), os quais desenvolvem ações em Psicologia Clínica e Psicologia Escolar e Educacional

3.1.2 Tempo do encontro: espaços-tempo de registro e compartilhamento da experiência

A partir do registro das experiências de trabalho da pesquisadora e dos encontros com os diferentes atores presentes no território estudado, foram propostos espaços-tempo de escuta e registro das experiências, na intenção de que estes possibilitassem um tempo de refletir sobre as formas de expressão contemporâneas de mal-estar, sobre como esses sujeitos são interpelados, como são tecidas as relações e os laços sociais neste campo e seus efeitos nos processos de subjetivação, na produção de sofrimento psíquico e suas formas de reconhecimento. Nesse sentido, a oferta da produção escrita surgiu como um primeiro dispositivo de intervenção frente à temática estudada, permitindo trabalhar, no a posteriori, seus efeitos nos sujeitos participantes.

Neste tempo foi realizado um convite ao registro da experiência de técnicos, docentes e discentes ligados às atividades e projetos em Psicologia Clínica e Escolar Educacional dentro da Universidade, vinculados à pesquisadora por sua atuação no Curso de Psicologia e em parcerias com subunidades da instituição. Considerou-se como critério de seleção para os participantes da pesquisa o campo transferencial do cotidiano de trabalho, as redes de relações tecidas e a intenção de tecer redes discursivas acerca do tema, partindo-se do local de atuação profissional da pesquisadora.

Dessa forma, considerou-se como principal critério de inclusão para a escolha dos participantes o desejo de compartilhar sua experiência, além de estar vinculado à instituição há mais de 1 ano e ser participante ativo de um dos projetos citados no período da pesquisa. Utilizou-se como critério de exclusão o vínculo como colaborador dos projetos, por ser esta uma modalidade de participação eventual. Foram convidadas a participar doze pessoas, sendo que apenas seis aceitaram compartilhar sua experiência: três docentes, uma discente e duas técnicas administrativas em educação, que atuam como psicólogas. Importa destacar que grande maioria dos participantes que não aceitaram o convite eram discentes.

A participação se deu a partir de encontros com a pesquisadora, nos quais foi realizada uma breve apreciação sobre o tema da pesquisa. Neste momento intencionou-se introduzir as questões relativas ao tema, a fim de se produzir um primeiro espaço-tempo de escuta sobre como este interpela a experiência do participante. Foram esclarecidos os objetivos da pesquisa

e seus procedimentos ético-metodológicos, bem como apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, foi realizado o convite à produção de um registro de experiência e apresentada a proposta de uma escrita em associação livre sobre como o tema da pesquisa convocava a vivência e experiência universitária dos participantes. Tal escrito foi entregue posteriormente à pesquisadora.

Ao final desta etapa, na construção de um segundo espaço-tempo de reflexão, os participantes foram convidados para uma roda de conversa, onde puderam partilhar fragmentos de suas produções escritas junto ao grupo de participantes, conforme seu desejo, bem como falar sobre como se sentiram ao se colocar a escrever. Este espaço permitiu refletir sobre os efeitos que a escrita provoca, possibilitando uma autoria, em um processo de inscrição do sujeito em sua experiência. Além disso, este momento possibilitou um espaço de construção coletiva de ações de intervenção frente à problemática situada, a partir das produções referentes ao tema da pesquisa.

3.1.3 Tempo de leitura e análise dos registros da experiência da pesquisa: construção do *ensaio-flânerie*

Neste último tempo, reuniu-se todo o material construído durante a passagem pelos diferentes tempos da pesquisa e foram realizadas as leituras e análises dos diários de experiência, dos registros de experiência dos participantes, bem como a análise do que decantou da *escuta-flânerie*, os quais foram organizados em um texto escrito para a construção do *ensaio-flânerie*.

O trabalho de análise do material produzido e das construções escritas foi realizado ainda conforme a proposta de Gurski & Strzykalski (2018), nos espaços de supervisão e encontros de grupo de pesquisa, por meio da *leitura-escuta* (IRIBARRY, 2003) - uma leitura dirigida pela escuta em atenção flutuante dos escritos reunidos sobre a temática estudada - bem como de seus efeitos de elaborações, em articulação aos textos teóricos.

Neste momento, o pesquisador instrumentaliza sua transferência ao texto composto a partir dos dados coletados, em um trabalho de escansão dos significantes (IRIBARRY, 2003). O autor destaca ainda que uma leitura dirigida pela escuta é o dispositivo com o qual o pesquisador identifica, no texto transcrito da construção de seus colaboradores, as contribuições singulares, buscando identificar significantes cujo sentido se enlace ao problema de pesquisa norteador da investigação.

Além deste dispositivo, utilizou-se o *ensaio-flânerie* (GURSKI, 2008) como operador de análise de diferentes registros. Trata-se de um modo de trabalhar com as produções da cultura e com elementos textuais variados, que permite analisar aquilo que decanta da *escuta-flânerie*, considerando os fundamentos da escuta psicanalítica e privilegiando os tensionamentos e interrogantes acerca da temática estudada, sem a pretensão de tecer respostas definitivas ou conclusões. O *ensaio-flânerie* é uma metodologia de pesquisa construída a partir do enlace de três elementos: “da *flânerie* como um modo de olhar do pesquisador, do ensaio como a ‘janela da escrita’ e do tema da experiência como uma tentativa de produzir polissemia e criação ao invés de repetição e fechamento de sentidos” (GURSKI, 2008, p. 25).

Para Gurski (2008) o ensaio como forma de enunciação se aproxima à Psicanálise na medida em que lida com o resto, a fragmentação, o detalhe presente no objeto e no fenômeno, permitindo um modo de aproximação que inclui o inesperado na construção do pensamento e possibilita inscrever a dimensão da experiência nos acontecimentos e na escrita: “as perguntas vão sendo abertas na medida em que a escrita permite que o objeto esteja ativo em suas interrogações” (GURSKI, 2008, p.20).

Em associação a essas ideias, Larrosa (2004) aponta o ensaio como um pensamento no presente e para o presente, em uma relação estreita com a atualidade, em uma vinculação que é, ao mesmo tempo, uma distância, uma descontinuidade, num movimento de estranheza com o que é familiar, considerando uma autoria, em uma escrita em primeira pessoa, presente como posição discursiva, como posição pensante. Um pensamento que parte de um distanciamento crítico, consciente de sua própria condição de escrita. Dessa forma, o autor postula o ensaio como uma das linguagens da experiência, que modula de modo singular a relação entre experiência e pensamento, entre experiência e subjetividade, entre experiência e pluralidade, em uma constante problematização e reproblemáticação de si mesmo.

A relação desta forma de enunciação com o presente tecidas pelo autor trazem a associação com as construções de Agamben (2009), as quais recolhemos a fim de pensar as produções da atualidade, quando conceitua a contemporaneidade como uma relação singular de aproximação e, ao mesmo tempo, distância com o próprio tempo, mantendo a possibilidade de fixar o olhar sobre sua época:

“[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. [...] Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa

cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte de sombra, a sua íntima obscuridade. [...] o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo (AGAMBEN, 2009, p.62-64).

Larrosa (2004) posiciona a operação ensaio neste lugar “entre”, “entre pensar e escrever, entre escrever e pensar; o que seria uma escrita que pensa e que pensa sobre si mesma, e um pensamento que escreve e que escreve sobre si mesmo” (LARROSA, 2004, p.40). Ao tecer algumas considerações sobre a operação ensaio, a partir da referência a obra de Foucault²⁰, destaca:

(...)sobre o que acontece ao pensamento quando ensaia, e à escrita, e à vida; sobre porque, às vezes, o pensamento e a escrita e a vida ensaiam, se fazem ensaio. Diz-se, com razão, que há tantos ensaios como ensaístas, que o ensaio é, justamente, a forma não regulada da escrita e do pensamento, sua forma mais variada, mais protéica, mais subjetiva. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é uma atitude existencial, um modo de lidar com a realidade, uma maneira de habitar o mundo, mais do que um gênero da escrita. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é o escrito precipitado de uma atitude existencial que, obviamente, mostra enormes variações históricas, contextuais e, portanto, subjetivas. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é uma determinada operação no pensamento, na escrita e na vida, que se realiza de diferentes modos em diferentes épocas, em diferentes contextos e por diferentes pessoas. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; e o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão sobre si mesma, a uma permanente metamorfose. (LARROSA, 2004, p.32)

Na construção de uma crítica quanto às políticas de linguagem privilegiadas no ambiente acadêmico, às estruturas de produção, transmissão e controle do conhecimento e do saber, por meio das modalidades de leitura e escrita que reconhecem ou proíbem, Larrosa (2003) situa o ensaio como “gênero híbrido ancorado num tempo e espaço claramente subjetivo”, que de alguma maneira opõe-se aos imperativos de pureza e objetividade da academia. Retomando Adorno²¹, destaca o ensaio como gênero impuro, o qual permite uma liberdade temática e formal, com uma temporalidade específica, caracterizando a leitura e a escrita para o ensaísta como lugares de experiência: “o ensaísta é um transeunte, um

²⁰ FOUCAULT, M. História da sexualidade II. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

²¹ ADORNO, T. O ensaio como forma. In: _____. Notas de literatura I. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Oliveira. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003, p. 15-45.

passador, um divagador, um extravagante.” Tal passagem nos permite associar a figura do ensaísta com a alegoria benjaminiana do *flâneur*, também por meio da descrição do ensaio como caminho da exploração, do “caminho que se abre ao tempo em que se caminha”, remetendo ao movimento singular da *flânerie*. Destacando o caráter fragmentário e parcial do ensaio, enquanto “palavra no tempo”, o autor aponta: “O ensaísta seleciona um corpus, uma citação, um acontecimento, uma paisagem, uma sensação, algo que lhe parece expressivo e sintomático e a isso dá uma grande expressividade” (LARROSA, 2003, p.111).

Dessa forma, tais operadores foram utilizados para a análise dos diferentes registros construídos no percurso de pesquisa: dos diários de experiência, das reportagens escolhidas por afinidade ao tema trabalhado, das demandas de estudantes registradas nos documentos de inscrição para atendimento psicológico na CEIP e dos escritos produzidos pelos participantes da pesquisa. A reunião de tal material permitiu tecer reflexões acerca dos discursos que organizam os laços sociais do nosso tempo, e sobre como estes refletem as formas de expressão do mal-estar e do sofrimento psíquico nos territórios da universidade, produzindo tensionamentos sustentadores da construção de dispositivos de intervenção.

A construção dos diários de experiência da pesquisadora e o convite à escrita em associação livre acerca do tema da pesquisa aos participantes, bem como a temporalidade da produção de cada um, permitiram reflexões sobre o tempo de suspensão forjado por tal ato de se colocar a escrever sobre a experiência. Suspensão de um espaço, que para além de sua concretude também é um espaço psíquico, bem como de um tempo de paragem, uma pausa.

Assim, tais reflexões foram tecidas junto as aproximações aos escritos e teorizações de Benjamin acerca do desaparecimento das formas tradicionais de narrativa e da extinção da arte de narrar, bem como sua afirmação de que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 2012/1936,p 214). Também servem de inspiração as metáforas construídas pelo autor acerca das Passagens, galerias características do avanço do capitalismo industrial, onde situavam-se, entre as casas, “os mais elegantes estabelecimentos comerciais”, as quais se ocupavam do intermédio entre a rua e o interior, entre o público e o privado (BENJAMIN, 2017, p.39). As construções acerca da experiência da escrita também foram tecidas a partir do conceito benjaminiano de limiar, presente no livro das *Passagens*:

Ritos de passagem – assim se denominam no folclore as cerimônias ligadas à morte, ao nascimento, ao casamento, à puberdade etc. Na vida moderna, estas transições tornaram-se cada vez mais irreconhecíveis e difíceis de vivenciar. Tornamo-nos muito pobres em experiências liminares. O adormecer talvez seja a única delas que restou. (E, com isso, também o despertar.) E, finalmente, tal qual as variações das

figuras do sonho, oscilam também em torno de limiares os altos e baixos da conversação e as mudanças sexuais do amor. (...) O limiar [*Schwelle*] deve ser rigorosamente diferenciado da fronteira [*Grenze*]. O limiar é uma zona. Mudança, transição, fluxo estão contidos na palavra *schwellen* (inchar, entrumescer), e a etimologia não deve negligenciar estes significados. Por outro lado, é necessário determinar o contexto tectônico e cerimonial imediato que deu à palavra seu significado. Morada de sonho (BENJAMIN, 2009/1927-1940, p.535.)

Gagnebin (2014) situa as diferenças entre o conceito de limiar (*Schwelle*) e o de fronteira (*Grenze*): este último, conforme a autora, diz respeito à definição de limites, contornos, de delimitação territorial, referindo-se ao desenho de um traço ao redor de algo para lhe dar uma forma bem definida, um bordeamento, “a linha cujo traço e cuja espessura pode variar e que não pode ser transportada impunemente” (GAGNEBIN, 2014, p.35). Já o termo limiar corresponde a um registro de movimento, de ultrapassagem, de transições de um lugar a outro, pertencendo à ordem do espaço e também à do tempo, apontando para um lugar e tempo intermediários, indeterminados, que podem ter extensão variável ou indefinida: “ele lembra fluxos e contrafluxos, viagens e desejos.” (GAGNEBIN, 2014, p.36)

Costa e Rinaldi (2007; 2012) nos lembram que o tema da escrita interessa à psicanálise desde seus primórdios, tanto pelo interesse de Freud pela literatura quanto especialmente pelas relações estabelecidas entre escrita e inscrição psíquica, a partir da análise dos sonhos, pensando, no início de sua obra, o inconsciente a partir do suporte de uma inscrição. Nesse sentido, as elaborações oníricas e as formações do inconsciente eram associadas a escrituras que se apresentam a leitura e decifração. As autoras destacam as inúmeras referências de Lacan a este tema em seus escritos, apontando o caráter de escritura do inconsciente e explorando os conceitos de significante e letra. Nesse sentido, propõem a escrita como experiência de passagem, permitindo o deslocamento para outro lugar, implicando uma mudança de posição subjetiva. Situam a relação entre corpo, traço e letra, enfatizando a constituição do corpo a partir da inscrição significante.

Costa (2001) ressalta que a experiência depende daquilo que passa pelo corpo, a partir do circuito que se estabelece entre o sujeito e o Outro. Na constituição dos objetos pulsionais onde o corpo faz borda, na inscrição de registros que se inscrevem no corpo a partir da intervenção do Outro, bem como das relações constituídas com seus semelhantes: “o sujeito é aquilo que se faz reconhecer do registro de sua experiência” (COSTA, 2001, p.33). Nesse sentido, para a autora, a experiência constitui um “saber que não se sabe”, um saber inconsciente.

Sousa (1999) também referencia as construções psicanalíticas acerca das determinações constitutivas de um sujeito a partir de uma exterioridade, destacando o escrito lacaniano sobre o estágio do espelho²², onde o autor aborda a alienação constitutiva, indicando que é no intervalo e no movimento “de um ao outro” que temos que deduzir um sujeito. “Os poetas sabem muito bem disto, pois nada melhor do que a experiência da escritura para reatualizar estas teses psicanalíticas” (SOUSA, 1999, s.p.).

Pereira (2012) afirma que a escrita pode estar situada ao estatuto do ato, referida a sua propriedade de mudança de lugar, de elaboração, colocando em jogo o novo: “quando a letra é lida a partir do significante que ela coloca em jogo. E assim a possibilidade de engendrar o contar-se em nova posição” (PEREIRA, 2012, p. 254).

Sousa (1999) considera que todo o ato de escritura verdadeiro, isto é, que produz um sujeito, instaura neste uma condição de exílio, com um apagamento do lugar/sujeito para que o lugar/autor possa advir, na instauração de uma discursividade. Ressalta que o ato do autor produz um efeito discursivo na cultura, tomando seu traço como um resto, um resíduo, situado neste trabalho como um resto da experiência.

Conforme o autor, a construção de uma autoria remete às interrogações sobre a noção de sujeito para a psicanálise e sua relação com a linguagem, situando a diferença importante entre aquele que se põe a escrever e o sujeito que este escrito produz, lançando a questão: “quais as fronteiras, em todas suas figurações possíveis - zonas de passagens, territórios de silêncios, limites intransponíveis - entre aquele que escreve e o sujeito-autor deste ato, entre o escrito e evidentemente o leitor suposto?” (SOUSA, 1999, s.p.). Nesse sentido, situa que uma das funções da escritura seria de manter vivo este intervalo, de “velar por esta alteridade necessária em nossa relação com a linguagem”. A consequência de um apagamento desta alteridade, para o autor, seria o empobrecimento da experiência anunciado há algumas décadas por Benjamin como a tragédia do homem contemporâneo.

Outro ponto importante destacado pelo autor é que o ato de escritura, ainda que retenha de certa forma o tempo, só é possível se estivermos dispostos a suportar este lugar de ausência produzido, pois tal movimento de ausência/presença é condição de possibilidade de qualquer escritura. O ato de escritura e o próprio escrito surgem justamente neste espaço produzido pela experiência de um certo descentramento do autor na sua relação com a linguagem, um descentramento subjetivo necessário à produção de um novo sujeito do texto.

²² LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

Riolfi e Barzotto (2011) abordam a escrita como registro de marcas do sujeito pelo depósito no papel de suas produções e construções, destacando a intervenção da alteridade nestas. Para Riolfi (2011) a escrita pode se prestar a uma operação de transformação subjetiva, na construção de uma posição enunciativa que implica uma singularidade, um ato criativo, caracterizando-se como um potente dispositivo de transformação de relação do sujeito com o saber. A autora ressalta que, ao nos depararmos com o real, sempre resta um ponto de impossível em qualquer tentativa de formalização: “o ser humano está para além do que pode ser capturado por meio das palavras. Há sempre algo que escapa a toda tentativa de dizer da essência daquele que busca a escrita como mediação de alguns de seus encontros com outros seres humanos”. (RIOLFI, 2011, p. 13). Em aproximação às ideias desenvolvidas por Sousa (1999), afirma:

“escrever pode ser a oportunidade para se transformar só e somente só se aquele que escreve está disposto a pagar o preço de se perder, para, só depois, se reencontrar em seu próprio texto. Inclusive, não é garantido que ele se encontre a cada peça produzida. Pode permanecer, por longo tempo, no limbo de não estar em lugar nenhum. Nem entra, nem sai” (RIOLFI, 2011, p.23).

Em consonância com estas construções, Gagnebin (2014) caracteriza a escrita como experiência liminar, referenciando sua sustentação em um lugar de indeterminação: “como signo de algo que não está mais, presença da ausência e ausência de presença, é um rastro, isto é, desde Platão até Freud, um estranho ser, tão imprescindível quanto instável e incerto” (GAGNEBIN, 2014, p.21). Assim, a autora situa a função da escritura em um distanciamento do mundo imediato, na criação de um intervalo que afasta o sujeito deste, mas também permite nomeá-lo, em uma função simbolizadora, de representação e elaboração.

A autora descreve de forma exemplar as motivações da atividade de escrever, do ato de escritura:

Escrevo sim, para enterrar e honrar os mortos, sobretudo se eu for historiador. Escrevo também para enterrar talvez meu próprio passado, para lembrá-lo e, ao mesmo tempo, dele me livrar. Escrevo então para poder viver no presente. Escrevo, enfim, para me inscrever na linha de uma transmissão intergeracional, a despeito de suas falhas e lacunas. Assim como leio os textos dos mortos e honro seus nomes no ato imperfeito da minha leitura, também lanço um sinal ao leitor do futuro, que talvez nem venha a existir, mas que minha escritura pressupõe. Lanço um sinal sobre o abismo: sinal de que eu vivi e de que vou morrer; e peço ao leitor que me enterre, isto é, que não anule totalmente minha existência, mais saiba reconhecer a fragilidade que une sua vida à minha. Talvez isso o ajude a “viver enquanto mortal e morrer enquanto vivente”. (GAGNEBIN, 2014, p.30)

Nesse sentido, ao trilhar tal percurso de pesquisa foi possível perceber a potência da escrita enquanto experiência limiar na pesquisa em psicanálise, posicionada nos limiares, no *espaço-entre* a pesquisa e a intervenção, na composição de uma autoria, de um lugar discursivo, de uma enunciação. Este ponto intermediário, em um espaço-tempo forjado frente aos imperativos das vivências e acontecimentos do contemporâneo, permite a inclusão e a inscrição do sujeito na experiência. A suspensão desse tempo de passagem, produtor de uma paragem que permite uma construção simbólica do vivido, decantando em experiência ao ser narrado e compartilhado, endereçado ao outro.

Dessa forma, o encontro com as construções teóricas dos autores citados sustentou a aposta na produção de um espaço para olhar para o nosso tempo e, pela via da escritura, forjar uma outra temporalidade para o sujeito, para os acontecimentos que o interpelam, para as incidências dos fenômenos sociais em cada um, na assunção de um sujeito da experiência, de um sujeito do inconsciente. Além disso, a constituição desse espaço-tempo de escritas da experiência situa algumas possibilidades de deciframento dos modos de inscrição dos sujeitos no laço social contemporâneo, e de como são interpelados pelo mal-estar contemporâneo, ponto a partir do qual continuamos o traçado dessa pesquisa, passando ao território das narrativas da experiência por meio de seus tecidos discursivos.

4 FORMAS DE EXPRESSÃO CONTEMPORÂNEAS DO MAL-ESTAR NA UNIVERSIDADE: TEMPORALIDADE E ESCRITAS DA EXPERIÊNCIA

“Importa que na psicanálise hoje se faça a discussão, se trata do homem contemporâneo lidando com o corpo, o gozo, a dor, a vida e a morte e tudo o que se acha no saber-fazer, lida com o Real. E com o Outro. E entre os outros. O desafio vai ao extremo – como não recuar nos limiares, não se ausentar da passagem, transmissão do que por vezes é da ordem do inenarrável? (...) não se pode desistir de constituir experiência; pois trata-se da mesma matéria, podemos dizer, do exercício do desejo”.
Lucia Serrano Pereira²³

No presente ensaio, tomaremos a escrita como expressão da experiência, tecendo uma narrativa a partir da análise dos diferentes territórios trilhados neste estudo pelo movimento da *flânerie*, dos fragmentos discursivos e dos significantes recolhidos, a fim de trabalhar os tensionamentos acerca das expressões contemporâneas do mal-estar na universidade, em articulação aos operadores conceituais e às construções dos autores selecionados. A passagem pelo percurso ético-metodológico deste estudo também permitiu reflexões acerca da temporalidade no ato de pesquisar e suas inscrições possibilitadas pela escrita.

Dessa modo, a escolha de uma forma de trabalhar as experiências que decantaram desta travessia, em uma construção narrativa, se deu na busca de retomar as precipitações a partir da escuta-flânerie e da escrita dos diários de experiência da pesquisadora. O encontro com as fontes narrativas escolhidas – as expressões midiáticas em reportagens acerca do tema, as demandas de estudantes para a clínica de psicologia e os registros escritos de experiência dos participantes – bem como o movimento de leitura-escuta de cada uma e de escansão dos significantes (IRIBARRY, 2003), que possibilitassem uma construção discursiva atenta aos elementos de repetição, nos remetem à complexidade do tema e à necessidade de se fazer escolhas na tessitura de uma narrativa na forma de ensaio.

Nesse sentido, buscou-se reunir as construções singulares de cada fonte, enlaçando-as com as problematizações propostas pela pesquisa, no olhar para os elementos mínimos, para os detalhes dos discursos, na inspiração da busca por “interpolar no infinitamente pequeno”, como nos aponta Walter Benjamin em seu escrito “*Rua de mão única*” (BENJAMIN, 2012, p.41). É também na inspiração em seu estilo de escrita, colecionando citações e fragmentos de

²³ PEREIRA, L.S. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (org.). **A escrita como experiência de passagem**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.

pensamento de seu tempo em seus “pequenos cadernos de notas”, inscrevendo “o que a leitura e a vida diária lhe rendiam como pérolas” (ARENDR, 2008, p.216), que este ensaio é tecido.

Recolhendo as pérolas da experiência de cada fonte, os restos do que interpela os sujeitos. Deixando-se afetar pelas palavras, no singular de cada experiência, em uma operação de costura, entrelaçando os tensionamentos que emergem com o referencial teórico, sem a pretensão de construir explicações ou determinações para o fenômeno estudado, respeitando sua complexidade, bem como as diversas questões que se abrem. Retomamos as elaborações de Rickes (2006), quando associa o movimento de corte/costura com a escrita, evocando também o trabalho psíquico que está em jogo na escrita da memória, pelo fio da palavra:

Falar de corte/costura evoca a imagem da agulha que faz passar a linha, esburacando os tecidos, inaugurando um traçado singular rumo ao ponto que se deseja fazer aproximar, na tentativa de articular a união entre as fazendas. Uma união, um laço que não deixa de denunciar a descontinuidade entre os planos. A agulha que desenha um traçado no ar. A linha que deixa como rastro no tecido o desenho de um trajeto. A costura que denuncia uma descontinuidade: pequena cicatriz nos tecidos (RICKES, 2006, p. 18).

Nesse sentido, a inspiração na figura do *catador de restos* buscou situar os diferentes discursos em seus detalhes, recolher testemunhos, cenas, histórias, memórias, fragmentos discursivos, elementos do tempo atual. O movimento de flunar pelas narrativas e espaços, sem buscar notar algo específico, atenta às redes significantes e repetições que emergem do encontro com as narrativas, percebendo a potência dos restos no cotidiano do trabalho institucional, a partir do que decanta da experiência, do que causa estranhamento. Esse movimento nos leva ao encontro do que Benjamin descreve em seu escrito “*O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*”, tomando a narrativa como uma forma artesanal de comunicação, imprimindo-se “na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 2012/1936, p.221).

A composição narrativa do percurso de pesquisa e de seus efeitos de reflexão também nos remete ao proposto por Larrosa (2018, p.26) quando trabalha o conceito de experiência, inicialmente como um lugar de encontro, de travessia, de passagem, de um mais além: “o sujeito da experiência se expõe, atravessando um espaço indeterminado e perigoso”. Tal espaço se dá no encontro com a dimensão inconsciente da experiência, a qual associamos à questão lançada por Voltolini (2017, p. 312): “como considerar a presença ativa do indestrutível inconsciente no campo educacional”?

Nossa aposta parte da construção de espaços-tempo de circulação da palavra – e de seu registro pela fala ou escrita - que permitam a precipitação do sujeito da experiência, do sujeito do inconsciente e das inscrições narrativas que deles decantam. A proposta de tais espaços levou em conta o campo transferencial do cotidiano de trabalho da pesquisadora, as redes de relações tecidas e a intenção de tecer redes discursivas acerca do tema, partindo do local de atuação profissional, na busca de construção de dispositivos de intervenção frente às questões que se atravessam.

Assim, iniciamos com a enunciação dos contornos delineados na construção dos caminhos da pesquisa e de uma posição discursiva frente às experiências, a partir de excertos dos diários de experiência da pesquisadora, os quais irão se entrelaçando às outras fontes narrativas e ao referencial teórico na tessitura da escrita, tendo como fios condutores o movimento da *flânerie* e a associação livre, bem como a construção, pela pesquisadora, de redes significantes acerca da temática. Importa destacar que, nesse sentido, as linhas de cada tecido discursivo irão se entrelaçando no texto, costurando-se pela via de seus elementos de repetição e tentativas de construção de sentidos, de bordeamento às questões que vão se lançando, dando a ver as marcas de um estilo na escrita.

Retomamos as considerações de Gurski (2019), quando ressalta a associação da *flânerie* como um dispositivo que “sustenta uma posição possível do pesquisador em psicanálise na instituição”, bem como a condição temporal comum à escuta psicanalítica e ao *flâneur*. A autora considera, dessa forma, a construção de possibilidades de oferecer “uma fala livre e mais implicada com o tempo de cada um, evocando o surgimento de uma narrativa mais próxima às questões do sujeito” (GURSKI, 2019, p. 166-167). Também nos remetemos à afirmação de Iribarry (2003) de que o pesquisador em psicanálise está implicado como primeiro sujeito de sua pesquisa, a fim de compor os primeiros traçados da narrativa, pelos fragmentos dos diários de experiência:

Os caminhos e descaminhos de um flandar pela instituição, deixando-se afetar pelas vivências, lançadas na forma de palavras e expressões soltas no caderno em branco, na intenção de que decantem em experiências a partir da escrita, forjando espaços e tempos. A associação livre da pesquisadora, os diários de experiência contornando o cotidiano institucional. Busco me deixar afetar, me percebendo no lugar de técnica, profissional da instituição, e pesquisadora, na aposta de que, a posteriori, os efeitos de uma investigação se manifestem na continuidade das práticas.

A problematização acerca das demandas estudantis frente ao sofrimento psíquico que, por muitas vezes, encontravam respostas burocratizadas ou patologizantes, nos nós de uma rede tecida com fios quase invisíveis, que demandam sempre novos laços. As experiências limites, as fronteiras, as crises, o ato. A ausência de limiares. O corpo frente ao insuportável, aos excessos.

As demandas de suporte ao coletivo frente a vivência da morte autoprovocada. As incidências do acontecimento na instituição. A frequente repetição de tais acontecimentos nas instituições educacionais. A suspensão do tempo frente ao choque do real.

As diversas tentativas de narrar e nomear o mal-estar e o sofrimento. A travessia que por vezes parte da sobrevivência, para o testemunho sobre a vivência e, por fim, para o registro simbólico da experiência. Os significantes sustentados pelo social na suposição de um frágil lugar de reconhecimento: a ansiedade e a depressão. As soluções mediadas pela lógica de mercado, de aceleração e de tamponamento de qualquer expressão do sofrer: a medicalização. A gestão do sofrimento e a administração do mal-estar. A expropriação do sujeito da experiência. A destituição de sua capacidade de narrar e de narrar-se. A desobjetivação. O desamparo discursivo. O sofrimento e sua dimensão sociopolítica.

Tais associações e inquietações impulsionam um percurso de pesquisa que busca tensioná-las por meio de um olhar para os efeitos dos discursos que organizam o laço social no nosso tempo nas vivências universitárias. De que formas estas vivências são interpeladas pelos fenômenos sociopolíticos atuais?

O primeiro impasse: como construir um percurso que não se limite a mimetização de modos de fazer pesquisa e que leve realmente em conta o saber de cada sujeito, valorizando os laços construídos e o desejo de compartilhar experiências. Forjar um movimento de autoria que caiba na imposição do tempo da pós-graduação. Construir um caminho que permita a criação, que dê lugar ao inesperado, às inquietações, aos estranhamentos e à legitimidade de seu tempo de travessia. A solidão da escrita num tempo que não há. Os encontros com as inscrições possíveis dos acontecimentos.

As aproximações ao tema da pesquisa acompanham meu percurso universitário e de inserção profissional em diferentes tempos e diferentes campos. As vivências e experiências enquanto residente multiprofissional em saúde talvez tenham tecido as primeiras percepções dos excessos que constituem o sistema universitário e suas contradições. Exigências de desempenho em uma carga horária que impulsionava o corpo a uma posição de esgotamento, em um tempo que parecia sempre insuficiente. Posteriormente, a atuação no serviço público, mais especificamente nas políticas de assistência social de um município da região central do

Rio Grande do Sul, de alguma forma também permitiram reflexões sobre as demandas educacionais aos serviços de psicologia, muitas delas associadas a pedidos de controle do corpo, de eliminação de sintomas.

Mas foi a partir de minha inserção como profissional da rede federal de ensino que tais reflexões foram se solidificando. O trabalho em uma instituição de ensino médio técnico e superior permitiu a experiência de atuação nas políticas públicas de educação e de assistência estudantil, junto a uma equipe multiprofissional. Mais recentemente, tais inquietações estão ligadas às experiências de trabalho no curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria, tendo como local de atuação a Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia – CEIP.

Atravessamentos de questões ligadas à saúde mental dos estudantes, à exclusão social e às vulnerabilidades, questões relativas à inclusão no ensino, apareciam com frequência e com expressões similares nos dois campos de atuação. Na primeira instituição citada, foi possível experienciar o processo de democratização do acesso ao ensino por meio das ações afirmativas e de assistência estudantil e os impasses no processo de permanência e inclusão dos alunos no ensino.

No trabalho junto ao curso de Psicologia, a construção de dispositivos de intervenção - no âmbito da extensão universitária - para além da clínica individual, em contextos e fenômenos sociais, despertou reflexões acerca das demandas que surgiam de instituições escolares com crianças e adolescentes, a partir de diagnósticos atrelados às queixas escolares - as quais também configuravam grande parte dos encaminhamentos para atendimentos clínicos individuais.

Também surgiam demandas referentes ao sofrimento psíquico do estudante universitário e às situações de crise, às vulnerabilidades, à exclusão e às violências vivenciadas por estes, ao adoecimento de docentes e servidores na instituição, bem como ao acolhimento a estudantes imigrantes e refugiados que chegavam à instituição. Ao problematizar tais demandas, surge o desejo pela pesquisa e a busca por autores que problematizam tais questões. Nesse momento, a tessitura se abre entre os fios da experiência e a teoria.

Para Gurski (2014), desde Freud (1930; 1937) estamos advertidos de que o mal-estar é condição para a criação da cultura e da civilização, bem como reconhecemos os paradoxos do campo da educação, “cuja insatisfação constante deve ser tomada como efeito da impossibilidade enquanto condição permanente do ato de educar” (GURSKI, 2014, p.172). O mal-estar na educação contemporânea nos impõe reflexões acerca das condições do

sofrimento atual de educadores e jovens, associadas às repetitivas listas de sintomas manifestos e às queixas de pais e professores.

Pereira (2017) constata que no âmbito da educação atual, os sintomas transbordam. Relaciona tal fato a perda da efetividade interditiva dos possíveis reguladores sociais, em um mundo mais hedonista, onde os sujeitos precisam se haver com “o caráter insuportável do prazer desinibido”. Acompanhamos o delineamento da questão lançada pelo autor:

O sintoma no âmbito educativo, é aquilo que, de saída e sem disfarce, é apresentado pelo sujeito na cena pedagógica. Na contramão de qualquer psicologismo e psiquiatrização estigmatizantes, evocamos aqui seu caráter político, já que reconhecemos que todo sintoma é propriamente social – mesmo sendo em si um descontínuo desse social – está inscrito num tempo e numa história, e se apresenta sempre à espera de alguém que o induza a ser falado. (PEREIRA, 2017, p.11)

Atentando a estas dimensões, passamos aos possíveis enlaces dos restos-retalhos da experiência da pesquisadora com as experiências que decantam de outras narrativas recolhidas neste percurso.

4.1 ACERCA DOS ESPAÇOS-TEMPO FORJADOS E DAS INSCRIÇÕES DAS EXPERIÊNCIAS

Na continuidade dos trilhamentos do percurso de pesquisa, a vinculação, enquanto profissional da instituição, junto aos projetos e programas de extensão, também sustentou o desejo pelo compartilhamento de experiências com os profissionais, docentes e discentes que vivem o cotidiano da instituição. Dessa forma, um dos tecidos narrativos deste estudo foi recolhido a partir do convite à produção de uma escrita da experiência em associação livre sobre como o tema da pesquisa interpela as suas vivências universitárias. Tal produção foi entregue em um momento posterior ao primeiro encontro com a pesquisadora, o qual não foi determinado inicialmente, mas procurou respeitar o tempo de cada participante.

A temporalidade da produção escrita dos participantes fomentou reflexões sobre como o convite foi recebido por cada um e os efeitos que se colocar a escrever provocou. Alguns participantes entregaram sua produção escrita logo no encontro seguinte, onde se propunha uma roda de conversa que incluía o tema da pesquisa e a experiência da escrita. Percebeu-se que a resposta imediata ao convite fez com que algumas escritas tomassem a forma de uma produção quase acadêmica, em alguns escritos iniciando inclusive por um histórico curricular, o que ao mesmo tempo transparece as formas singulares de se voltar para as experiências

universitárias. O pedido realizado por um dos participantes, de uma escrita do convite da pesquisa na forma de um e-mail, que detalhasse seus objetivos, também permitiu a reflexão sobre os imperativos de uma forma de produção que muitas vezes exclui o que é da ordem da subjetividade, da autoria e da criação, por meio de delimitações do que se considera uma escrita digna de reconhecimento nesse espaço.

Já outros participantes solicitaram a pesquisadora um tempo maior para a sua produção, sendo este associado à necessidade de um intervalo na rotina acadêmica para que pudessem se deter na reflexão sobre suas experiências, a qual precisou ser elaborada por muitos no período de férias. Observou-se que tal escrita tomou a forma de uma narrativa menos formalizada, mais próxima ao movimento de associação livre. Assim, a travessia da escrita permitiu a inclusão subjetiva frente aos registros de cada acontecimento, num movimento de rememoração. Como bem situa a escrita de umas das participantes da pesquisa: *“a passagem a outro domínio temporal” e a “suspensão de um condicionamento acadêmico”* permitem a assunção de uma autoria, abrem as possibilidades de inscrições aos *“ousados(as) escritores(as) de suas próprias linhas”*.

Tais reflexões precipitaram as produções a partir dos trilhamentos pelos primeiros territórios deste trabalho, pensando a produção escrita como uma experiência de passagem, como uma experiência limiar. Nos remetem às construções de Sousa (1999) a respeito dos determinantes das condições de enunciação e a necessária condição de exílio implicada no ato de escrever, convocando a um descentramento subjetivo, bem como, muitas vezes, a necessidade de se colocar em *“uma posição de estrangeiro para que neste intervalo criado entre o familiar da língua e o desconhecido de um sujeito produzido pelo texto, um estilo possa se constituir”* (SOUSA, 1999, s.p).

O autor associa a inibição da escrita a uma impossibilidade de instaurar para o sujeito um lugar de exílio, a qual só volta a ser possível se o sujeito conseguir suportar esse lugar de ausência produzido pelo ato de escritura. Refletimos também sobre como, na atualidade, as condições de nosso laço social impossibilitam esse descentramento subjetivo. Alguns trechos das produções dos participantes são bastante representativos destas questões, como o retratado por uma discente:

“Registro aberto,

Primeiro desafio: fazer livre as associações que já conheceram o silêncio de um cárcere.

Abrir um registro. Forjar uma válvula que dê escape ao que nem sempre é dito.

Deixar que o acúmulo de vivências transcorra em vazamento de experiências e inunde minhas palavras sem medo de ser, por elas, levada ao desconhecido.

Como pode se esperar de um registro, o sentido do relógio desfavorece minha fluidez. O tempo universitário, adepto ao empilhamento cronológico de vivências, em nada me surpreende ao barrar minha escrita até a passagem a outro domínio temporal, o do recesso acadêmico. Pausa - ainda institucional - ao comum excesso de movimentações e respostas institucionais mais ágeis do que seu próprio processo de elaboração. Não me surpreende ter realizado um esforço para me reencontrar em um escrito sobre a experiência universitária e por esse reencontro apenas ter sido facilitado pela suspensão, ao menos temporária, do condicionamento universitário (e não da condição universitária). Diante do tema "expressões contemporâneas do mal-estar na universidade: temporalidade e escritas da experiência" só alcanço a possibilidade de me inscrever após uma torção do tempo em sentido anti horário. E assim, dispara-se a corrente de significações que até então vivia seu próprio recesso. E agora? Por onde começo?

Perguntas sinceras mas que - sem querer - acabam por me orientar em parte cotidiana da experiência universitária. A alta demanda por atividades e exercícios na formação profissional por (muitas) vezes gera justamente essa incerteza sobre os próximos passos a seguir, sobre a posição de cada demanda na fila auto renovável de atribuições no intervalo auto consumível do tempo. Enquanto uma dimensão se estende, outra se encurta e é em meio a esse vai e vêm que se parece tecer a normativa de uma rotina muito bem ajustada a atordoantes aspectos da contemporaneidade. O mal estar aqui já nem precisa de muita elaboração, é consequência direta de uma estável instabilidade".

A produção do inconsciente frente ao convite de escrita foi explicitada por uma das servidoras participantes:

"Me questionei o porquê da resistência em responder à questão de pesquisa, por quais razões um registro de experiência em associação livre me tomaria num ponto de esquecimento, produção inconsciente. Também me questiono acerca na necessidade de estar fora, estar longe para poder escrever, como se algo da queixa me tomasse em necessidade, como se não pudesse escrever de dentro, de dentro de onde ainda posso produzir, criar.

Então me vejo envolta dos primeiros ensejos acerca do mal-estar, a crítica desmedida, crítica pela crítica, reação sem ação, sem criação. Entendo que um dos mal-estares contemporâneos que nos acomete na universidade diz respeito à dupla: velocidade-

estagnação. Os imperativos contemporâneos de produção almejam: corra! Ao mesmo tempo, como sintoma, produzem-se as estagnações, paralisações, por vezes inibições. São respostas a um tempo em que o intervalo não é permitido, aquele intervalo necessário a todo percurso simbólico, às próprias inscrições das matrizes simbólicas, balizas necessárias para que, na falta e diante da falta, o sujeito se posicione. Como produzir falta, intervalo, num tempo em que os holofotes evidenciam a correria? É neste contexto que, também na Universidade, não há olhares, não há vozes que se entremeiam. A produção do sofrimento universitário parece dizer respeito à lógica dos números, do mais um. Ao mesmo tempo em que inúmeros são aqueles que vencem, o sujeito inexistente, cada um é apenas mais um. Esta é uma das experiências que se evidencia em minha prática. Aquele que “não aparece” como o politicamente correto ou como aquele que “faz”, é dito nulo, rejeitado. Ao mesmo tempo, aquele que “aparece” é extremamente visionado como perigoso. (...) Então, a associação livre é confusa num texto produzido por associações recheadas de fatos que não podem se dizer nele mesmo. Destaco o contexto em que me encontro, na urgência de responder sem perder a serenidade de estar “fora”, dentro-fora, caro à psicanálise, mas mais caro àqueles que pretendem se sustentar dentro de um contexto que pode sugá-lo para dentro, engolfar...”

A impossibilidade de inscrição sem *uma torção do tempo em sentido anti horário*. A corrente de significações disparada após seu próprio recesso. A necessidade de estar fora, estar longe para poder escrever. A potencialidade destas construções nos remete ao escrito de Fonseca et al. (2018, p.180), o qual discute o resgate das experiências liminares no cotidiano, entendendo-as “como zona de passagem entre um estado e outro, de acordo com Benjamin”. Junto aos autores, nos voltamos ao conceito de experiências dos limiares, presente no Livro das Passagens, de Benjamin (2009/1927-1940), acompanhando suas reflexões:

Entendemos que as experiências liminares correspondem àquelas que pertencem a zonas menos definidas que as fronteiriças. Lembram fluxos e contrafluxos que, em nossa atual sociedade, são como que apagados pela diminuição da nossa percepção aos ritmos e tempos diferenciados de transição. As transições, nos dias de hoje, encurtaram. Não podemos perder tempo, abolimos o tempo das passagens e seus ritos, já não experienciamos momentos de indecisão, de indecidibilidade com afago e acolhimento para uma outra experiência do tempo e da memória. O encurtamento das experiências liminares em nosso atual contexto social e individual manifesta-se como um diagnóstico de nosso intolerável presente: já não podemos sair do mesmo lugar, os limiares tornaram-se tão espessos que viraram lugares de detenção que não levam a lugar nenhum. Foram vampirizados pela biopolítica do capital. Diante disso, questionamo-nos: como podemos acessar a experiência liminar para produzirmos um cotidiano a contrapelo das tendências biopolíticas, massificantes e formalizadas do contemporâneo? (FONSECA et al., 2018, p. 181)

Acompanhamos a questão proposta pelos autores e buscamos construir passagens junto aos tensionamentos produzidos pelos cortes e costuras no traçado dos tecidos discursivos das experiências e suas narrativas.

4.2 SOBREVIVÊNCIA. SOBRE A VIVÊNCIA. EXPERIÊNCIA. CONSTRUINDO POSIÇÕES ENUNCIATIVAS FRENTE ÀS EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DO MAL-ESTAR

O silêncio enclausurante das associações. O que dá escape ao que nem sempre é dito. *Vivências, experiências, palavras, desconhecido*. É no recorte da associação escrita que nos tomamos por uma reflexão. Dentre os convidados a participar da pesquisa, cinco eram estudantes e apenas uma respondeu ao convite. O que pode suscitar tal silenciamento? O que ele pode comunicar? Percebemos que tal condição aparece frequentemente como expressão do mal-estar contemporâneo, o que nos remete há algumas associações quando relacionada à juventude e suas condições de nomeação da experiência. Também nos perguntamos se o convite à escrita não foi tomado pela via de mais um imperativo ou exigência à produção, diante da “*fila auto renovável de atribuições no intervalo auto consumível do tempo*”.

Tal inibição também pode ser relacionada ao *medo de ser, pelas palavras, levado ao desconhecido*. A construção da alegoria *sobrevivência, sobre a vivência, experiência*, parece enlaçar uma rede significativa que enreda as condições de necessidade, desamparo, da falta, para um possível caminho de assunção do desejo, de uma posição discursiva. O movimento de *deixar que o acúmulo de vivências transcorra em vazamento de experiências* depende do atravessamento desses limiares, dessa passagem pelas palavras, pela indeterminação, pelo desconhecido.

Em associação a tais reflexões Gurski (2012; 2014) destaca a descartabilidade e o tom fugidio das relações no tempo social atual, a constante promessa de gozo na relação com os objetos e o prazer fugaz, onde o novo, como novidade, importa mais que qualquer tradição de pensamento. Afirma a necessidade de interrogarmos a transmissão que o mundo adulto faz em direção aos jovens nos dias de hoje, pois os impasses apresentados pela juventude, em cada época, apontam o que está em jogo no cenário social. Caracteriza como “erosão da adultez” (Gurski, 2012) as dificuldades em que os mais velhos encontram-se para ocupar a posição de quem tem algo a transmitir às gerações futuras, encantados que estão pelas promessas de gozo atribuídas à juventude.

Gurski e Pereira (2016, p.430) enfatizam a impossibilidade de pensarmos em constituição psíquica sem a relacionarmos ao laço social que a enseja, pois “é na estreita relação com as pautas de cada época que os sujeitos vão se produzindo e construindo seus modos de constituição e de sofrimento psíquico”. Os autores afirmam que na adolescência, as condições do laço social tornam-se ainda mais impactantes, em função das travessias entre o familiar e o social, onde são buscados novos traços passíveis de se representar e sustentar em um novo lugar psíquico na relação com o Outro. Dessa forma, o adolescente sofre com os efeitos advindos da desmoralização da experiência, do empobrecimento das narratividades, da ausência de diferença geracional, respondendo a essas condições através das manifestações sintomáticas.

Rickes (2007, p.15) trabalha as condições de possibilidade que sustentam a emergência do *lugar sujeito*, refletindo acerca das posições enunciativas produzidas pelas diferentes articulações sociais estabelecidas, sustentando-se na teoria freudolacanianana para afirmar que “é impossível pensar o singular desarticulado das condições do laço social que o determina”. Aponta a necessária condição de assujeitamento que a constituição do sujeito implica, na impossibilidade de separá-lo do Outro, estabelecendo o lugar sujeito como uma posição que só se desenvolve e se difunde em laços sociais que guardam determinadas características:

Nas sociedades tradicionais, onde as estruturas sociais eram/são extremamente estáveis, onde a filiação conferia um lugar, um nome e um destino reconhecidos e legitimados pela comunidade, e, ainda mais importante do que isso, onde a filiação constituía para aquele que nascia um lugar na trama social que tinha a permanência de sua vida, nessas organizações sociais, a divisão que caracteriza a posição sujeito não se configurava. Se sujeito vem tensionar a perspectiva do indivíduo – ser monádico, não perturbado pela dúvida de qual seja seu lugar no mundo, capaz de agir em sintonia com sua vontade –, essa experiência psíquica só pode se estabelecer quando as estruturas que respondem ao homem sobre qual seu lugar na trama social perdem a consistência e estabelecem, no lugar da resposta, a indicação da provisoriabilidade. A perda de um destino traçado no nascimento não se faz sem o trabalho de luto impulsionado pela ausência do amparo que um destino decidido na origem propicia – destino decidido pela filiação, ou ainda, ditado pelos desígnios do tirano. O indivíduo, ocupante de uma posição social estável, está amparado no traçado de uma trajetória de vida que não lhe reserva surpresas e que depende muito pouco de sua ação uma vez que já está escrita nas tramas do tecido que ele habita. Seu nome responde por seu lugar na trama social, sobre o que dele se espera e sobre o que, vindo dele, pode ganhar ou não legitimidade entre os que co-habitam seu tempo e seu espaço. O sujeito, dividido, desamparado de uma origem que lhe antecipe seu trajeto no mundo, tenta fundar os argumentos que respondem por suas escolhas no *eu*. Este sujeito experimenta a cada passo a precariedade de seu ser, não encontrando nas organizações sociais a estabilidade que poderia conduzir-lhe às respostas sobre os caminhos que deve ou quer percorrer em vida (RICKES, 2007, p.16).

A fim de perceber como o tema do mal-estar universitário é situado no laço social, tomado como laço discursivo a partir da teoria lacaniana, buscou-se associar ao movimento da *flânerie*, a observação do que se manifesta no discurso social acerca do tema, por meio de expressões midiáticas de reportagens jornalísticas que tentam explicitar a dimensão do fenômeno estudado, utilizando-se de diferentes formas narrativas. Em algumas delas encontramos um olhar atento e cuidadoso à complexidade e multifatorialidade do fenômeno que se propõe a analisar, na construção de reflexões que não impõem determinações casuais. Em outras encontramos a busca clara pela determinação dos fatos, os quais surgem “impregnados de explicações”, o que nos remete às construções benjaminianas acerca da forma de comunicação informativa, a qual, segundo o autor, é estranha à narrativa e incompatível com seu espírito e suas formas tradicionais por demandar uma verificabilidade imediata, precisando ser “compreensível em si e para si” (BENJAMIN, 2012, p. 219.)

Parte das reflexões que deram lugar ao tema desta pesquisa foram tensionadas pelas questões construídas por Brum (2018)²⁴, em um artigo jornalístico em que trata de recentes casos de suicídio entre jovens, os quais repercutiram em instituições escolares. A autora propõe-se a refletir sobre porque mais jovens tiram a própria vida e como é possível prevenir a tragédia. Recorre ao levantamento do Mapa da violência²⁵, o qual destaca que no Brasil, entre 2000 a 2015, os suicídios aumentaram 65% dos 10 aos 14 anos e 45% dos 15 aos 19 anos e destaca que no mundo, conforme a Organização Mundial da Saúde, o suicídio já é a segunda causa de morte entre adolescentes.

Nesse sentido, Brum (2018) propõe uma torção nos questionamentos, reposicionando as perguntas ao campo do coletivo: no lugar de se problematizar o porquê mais jovens se suicidam hoje, sugere pensarmos em por que não haveria mais adolescentes interrompendo a própria vida nos dias atuais do que no passado, destacando as condições atuais de um mundo distópico, que dificulta o encontro de sentidos diante do desespero. Refere que a dimensão coletiva não apaga a singularidade de cada caso, mas tal singularidade deve ser situada no contexto de seu tempo histórico: “quando adolescentes se matam, eles dizem algo sobre si mesmos, mas também dizem algo sobre a época em que não viverão”. Ressalta ainda, que não é possível desconectar qualquer doença da época em que ela é produzida.

²⁴ Eliane Brum é jornalista, escritora, documentarista e colunista do jornal El País. Brum, E. O suicídio dos que não viram adultos nesse mundo corroído. Coluna Opinião. Jornal EL País. Jun. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/opinion/1529328111_109277.amp.html>

²⁵ Levantamento do sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, coordenador do Mapa da Violência no Brasil, disponível em: <<https://www.mapadaviolencia.org.br/autor.php>>

Sobre as configurações de nossa época Brum (2018) aponta as dificuldades de se imaginar um futuro que não seja uma distopia, as expressões ilusórias de um mundo de relações virtuais e da impossibilidade de desconexão, do excesso de estímulos, da impaciência dos segundos e da sobreposição e aceleração dos tempos, onde não há espaço nem tempo para elaborar nenhuma experiência, pois em seguida outra se apresenta. Para a autora: “o mal-estar do nosso tempo é alimentado pela nossa impossibilidade de enxergar uma vida possível logo ali na frente. Como os adultos também não enxergam, o desamparo é total”.

Rosa (2015) aponta que a naturalização do desamparo social apaga a força discursiva dos que estão submetidos, de forma que aliado a este deparamo-nos com o desamparo discursivo, o qual lança o sujeito ao silenciamento que, muitas vezes, acomete alguns segmentos da população e que pode ser orientador na análise de vários fenômenos. Pujó (2000) constrói a noção de desamparo discursivo para tratar da fragilização das estruturas discursivas que suportam o vínculo social. Refere-se à sensação de desproteção que se apodera progressivamente de nós nesta etapa avançada da modernidade, onde o discurso rege a “circulação dos valores e ideais, crenças e tradições, preferências e satisfações aceitas em determinada cultura, interpondo a malha protetora dos semblantes que resguardam o sujeito das emergências do real” (PUJÓ, 2000, p.6).

Retomando as construções das produções escritas, destacamos a associação de uma servidora acerca do mal-estar:

“Mal estar, posição freudiana acerca do sujeito na cultura. Que todos tenhamos um mal estar em relação a estar, estar com os outros, com os Outros, eis uma das questões fundamentais de toda neurose. A resposta ao mal-estar interpela então cada sujeito desde uma posição singular: da queixa à crítica, do ato à criação”.

As respostas ao mal-estar são tensionadas por Kehl (2002) quando afirma que a sociedade contemporânea pensa a cura do sofrimento como eliminação de todo mal-estar: “o homem contemporâneo quer ser despojado não apenas da angústia de viver, mas também da responsabilidade de arcar com ela; quer eliminar a inquietação que o habita em vez de indagar seu sentido” (KEHL, 2020, p. 8-9). Aponta que o sentido ou significado de um ato, uma experiência ou uma vida inteira se revela na interface entre o que é mais singular, mais particular, e sua inscrição simbólica na cultura. Também nos adverte de que os discursos atrelados às razões de mercado constituem cadeias metafóricas muito pobres, que vão do

objeto ao sujeito e se encerram na promoção da ilusão de um encontro entre os dois, por se apoiarem cada vez menos em razões filosóficas.

Recolhendo alguns restos das escritas de experiência, vamos tecendo algumas reflexões. “Os *atordoantes aspectos da contemporaneidade*.” O mal-estar universitário manifesto pela *dupla: velocidade-estagnação*. Os *imperativos contemporâneos* de velocidade em contraponto à *produção de sintomas: estagnações, paralisações e inibições*. Um tempo que não permite o “*intervalo necessário a todo percurso simbólico, às próprias inscrições das matrizes simbólicas, balizas necessárias para que, na falta e diante da falta, o sujeito se posicione*”. As produções dos participantes remetem a elaborações acerca da singularidade da experiência no nosso tempo, que suscitam algumas construções benjaminianas:

Esse tipo de experiência que se tem em meio às sutilezas do cotidiano acaba sendo impossibilitado por um ritmo de vida que nos faz sentir o tempo e o espaço de forma muito diferente daquela experimentada pelos velhos contadores de histórias. Em um cotidiano acelerado, as vivências que se acumulam, uma após a outra, não deixam sobrar tempo para a elaboração necessária para que algo que solidifique em nossa memória como experiência, para que um fragmento se transforme em pérola (FONSECA ET AL, 2018, p.182.).

Buscamos novamente as construções de Kehl (2007), a qual também ressalta que a experiência do tempo na contemporaneidade resume-se à experiência da velocidade e ao tempo urgente do capital. A imersão do homem contemporâneo nessa temporalidade urgente, conforme a autora, já não permite conceber outra forma de estar no mundo que não seja a da velocidade, da pressa, das sensações fugazes e das percepções instantâneas que conduzem a decisões urgentes. O tempo, enquanto uma construção social, “talvez seja a face mais invisível e mais onipresente do poder” (KEHL, 2007, p.258):

O controle do tempo é um aspecto do discurso, no sentido laciano, que ultrapassa o puro domínio do significante; a inclusão da dimensão temporal, sob forma subjetiva da *espera* de satisfação, marca o nascimento do sujeito psíquico. O tempo é instituído, para cada sujeito, no intervalo entre demanda e a satisfação; ou entre a demanda do Outro e a possibilidade do sujeito de responder a ela. Dito de outra maneira: o sujeito do desejo, em psicanálise, é um intervalo que pulsa entre o tempo próprio da pulsão e o tempo urgente da demanda do Outro (KEHL, 2007, p.258).

Nesse sentido, ainda acompanhando as reflexões da autora, a temporalidade, como forma de organização e percepção do tempo, caracteriza um dos modos de regulação social da pulsão, no que tange o ritmo que se imprime às modalidades de satisfação, de procrastinação,

de gozo. As modalidades de satisfação às exigências pulsionais, manifestas pelas diferentes formas de se vivenciar a passagem ou duração do tempo, são diversas em diferentes culturas.

A problematização desta questão também é explicitada em reportagens acerca do tema. Em uma de suas edições, a revista Arco²⁶, publicação de jornalismo científico e cultural da UFSM, trabalhou a temática da saúde mental no ambiente universitário relacionando-a as atuais transformações no cenário sociopolítico e econômico e às lógicas de trabalho e produção instituídas. O adoecimento mental e suas formas de reconhecimento são relacionadas ao contexto de incertezas, exigências e também de falta de tempo, bem como à pressão acadêmica e ao estresse.

Destaca-se a normatização das lógicas de produtividade e competitividade do sistema acadêmico, constituindo um ambiente muitas vezes hostil, o que se manifesta em formas de relação permeadas pela intolerância, o preconceito e a segregação. As constantes privações impostas pela rotina, as necessidades econômicas que impõe a divisão do tempo entre estudo e trabalho, bem com a idealização da academia, a individualização e padronização nas práticas de ensino também são pontuadas. Além disso, a estrutura fragmentada com que as instituições se organizam também é associada aos fatores estruturais que contribuem para o adoecimento.

A respeito das lógicas e discursos instituídos no sistema acadêmico, encontramos consonância entre a reportagem e a produção escrita de uma profissional participante:

“Uma lógica um tanto paranoica se instaura nos corredores. Na disputa por ser mais que um número, os números, um número, as pessoas se perdem. As relações de alteridade tomam outras frentes, o discurso persecutório se institui. Então é preciso estar um pouco fora, para olhar ao invés de enxergar. Estranhamente me vejo escrevendo aqui dentro, como se pudesse ser estrangeira neste lugar que também habito. A todo momento sou interpelada sobre os saberes que se endereçam a mim, você sabe, pode me responder? Como produzir o tempo para que o outro também se sustente sem respostas? Que possa produzir as suas”(...). Temos recebido estudantes atordoados, engolidos pela necessidade de resposta aos imperativos categóricos de nossa época. Respondemos com a escuta, um espaço-tempo lógico que possa ser exterior à cronologia. Ao mesmo tempo, nos vemos imersos aos calendários acadêmicos, às portarias e leis que tentam regimentar o mais rigidamente possível os passos

²⁶ ARCO: Revista de Jornalismo Científico e Cultural da Universidade Federal de Santa Maria. n.9. jun/2018. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/9a-edicao/>

de cada funcionário público. Não sou pública, isto é fato. E cada vez que o cargo que ocupo me fizer sentir pública, sei que estou no lugar errado, sei que estou exatamente onde o mal-estar interpela em grupo, é aí que me perco enquanto sujeito”.

“*Estudantes atordoados, engolidos pela necessidade de resposta aos imperativos categóricos de nossa época*”. Mais recentemente, em matéria de agosto de 2019, o jornal gaúcho Zero Hora²⁷ tratou da ascensão de problemas de depressão e ansiedade e de episódios de suicídio de universitários em sofrimento psíquico, ocorridos nas instituições de ensino. Relaciona tal fenômeno e as estatísticas implicadas à sua dimensão mundial e destaca as ações institucionais de suporte. A partir de entrevistas com estudantes são expressos relatos de isolamento e depressão. Colocamos o trecho a seguir em destaque a fim de problematizá-lo:

Esse cenário tornou-se mais visível após uma revolução no Ensino Superior, que colocou o sonho de cursar a universidade ao alcance de grupos tradicionalmente excluídos. Nos últimos anos, houve a ampliação das vagas, a interiorização dos cursos, a adoção de políticas de cotas e a possibilidade de ingresso com a nota do Enem, por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu). Essas mudanças criaram uma mobilidade acadêmica inédita, com estudantes espalhando-se pelo Brasil. Alunos e professores ouvidos por GaúchaZH acreditam que essa bem-vinda transformação, responsável por democratizar o acesso e promover a igualdade, pode ter tido um efeito colateral imprevisto. A escassez de estruturas e recursos de apoio aos ingressantes pode ter favorecido casos de depressão nos campi.

De que *efeito colateral imprevisto* se trata? Refere-se a um efeito frente a uma mobilidade física ou se quer tratar de uma mobilidade social? O caminho discursivo tomado pela reportagem parece trilhar curvas sinuosas ao associar um processo de *democratização do acesso* a um efeito inesperado, o qual tem uma relação mais estreita com as condições de *permanência* dos alunos nas instituições, a escassez de ações de assistência estudantil e com a precarização do ensino público, que instauram uma condição de desamparo social. Nos propomos a pensar tal colocação a partir de alguns tensionamentos: o risco de tal associação direta cair em uma patologização de uma condição de vulnerabilidade social, bem como a possibilidade de incursão na exclusão da condição sociopolítica do sofrimento. Tais reflexões nos aproximam às advertências propostas por Dunker (2015):

Cada vez mais, o âmbito patológico, mesmo nas práticas de saúde, expande-se para comportamentos de risco, atitudes inadaptadas, predisposições para o

²⁷Reportagem publicada em 16 de agosto de 2019, disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2019/08/depressao-e-ansiedade-de-universitarios-um-problema-em-ascensao-que-preocupa-especialistas-e-instituicoes-cjze96go8034t01pau018bbe2.html>.

desenvolvimento de doenças, qualidades e estilos de vida, vulnerabilidades sociais, situações laborais críticas, configurações ergonomicamente indesejáveis, propensões genéticas, disfunções cerebrais. Nesse cenário, nota-se uma revitalização expansiva da diagnóstica psiquiátrica sem comparação com outras áreas da medicina (DUNKER, 2015, p. 22).

Colocamos em questão também o próprio termo *democratização*, o qual, reposicionado frente ao contexto histórico da universidade enquanto instituição e de uma reforma universitária, iniciada nas proximidades da década de 70, nos remete às reflexões de Chauí (2014) a respeito da implantação de um sistema universitário estruturado no modelo administrativo e organizacional da grande empresa capitalista, isto é, “tem o rendimento como fim, a burocracia como meio e as leis do mercado como condição”. Conforme a autora, a massificação do ensino universitário, com o aumento de estudantes, abaixou o nível dos cursos, a partir da desproporção entre corpo docente e quantidade de alunos, bem como pelo estado de degradação do ensino médio. Tal ideia de massificação, conforme a autora, pressupõe uma “concepção elitista do saber”:

Com efeito, se a reforma pretendeu atender às demandas sociais por educação superior, abrindo as portas da universidade, e se com a entrada das “massas” na universidade não houve crescimento proporcional da infraestrutura de atendimento (bibliotecas, laboratórios) nem do corpo docente, é porque está implícita a ideia de que para a “massa” qualquer saber é suficiente, não sendo necessário ampliar a universidade de modo a fazer com que o aumento da quantidade não implicasse diminuição da qualidade (CHAUI, 2014,s.p.).

A violência dos discursos a que são expostos os sujeitos do capitalismo avançado é problematizada por Rosa (2015). Refere que tais discursos indicam um modo de laço em que o sujeito é convocado violentamente ao gozo, sob a forma de consumo e lucro, ou na forma de sofrimento. Destaca, a necessidade de abordarmos os fenômenos socioculturais e políticos da contemporaneidade e a problematização de sua incidência no sujeito, a qual produz, muitas vezes, efeitos de alienação e de destituição subjetiva. A leitura da autora é convocada pelo escrito da discente:

“A tal empilhamento soma-se a instabilidade e a insegurança sociopolítica de não saber sobre a continuidade do solo em que piso enquanto profissional e cidadã e sobre a segurança de corpos como o meu e de corpos portadores de outros marcadores sociais. Política essa dos direitos que vão e vem e dos corpos que cada vez mais vão e jazem nas

trincheiras de uma existência não reconhecida na podridão de um sistema de classes e de cores. O movimento desleal entre o ser tomada ou pela desesperança ou pela alienação. Isso também é expressão de mal estar. (...) Carregar consigo a insegurança sobre ser suficiente, ser competente no trabalho que se pôs a desenvolver, sobre ter algum diferencial em sua formação que não sejam apenas o das marcas da negligência ou desumanização institucional. Por vezes ceder à tão cruel comparação e inferiorização de si. Isso é expressão de mal estar”.

É nesse sentido que, junto a Rosa (2016), entendemos que os sintomas manifestos precisam ser relacionados ao campo do social, fazendo-se necessária a escuta do sofrimento em sua dimensão sociopolítica, bem como a reflexão sobre os efeitos do desamparo discursivo nos sujeitos. Destacamos a proposta de psicanálise implicada construída pela autora, implicação com a noção de laço social e discursivo como produtor e indutor de subjetividades. A autora também aponta a necessidade de construção e fundamentação de dispositivos de intervenção que incidam no discurso que rege o laço social, bem como de estratégias clínicas coletivas que criem formas de elaboração simbólica do vivido, resgatando a experiência compartilhada.

Na reflexão sobre tais intervenções, retornamos aos fragmentos dos diários de experiência da pesquisadora:

Na escuta-flanerie do território institucional, começo pelo olhar atento às demandas que chegam à clínica. O exercício da atividade de supervisão de estágio em psicologia clínica permite alguns registros frente ao que se deseja pesquisar. A busca de estudantes por atendimento clínico é constante no cotidiano da clínica escola e tensiona os dispositivos institucionais para acolhê-las.

O movimento de pensar as expressões do mal-estar e do sofrimento na instituição de educação também parte do testemunho de um apelo. A violência sofrida dentro da instituição não encontrava lugar para ser compartilhada. Encontrou a indiferença até ser exposta com todas as letras ao desconhecido, buscando de início a legitimação de um movimento de procura por amparo na dor. O estranhamento diante de tantos lugares de saber que se fecham à realidade do acontecimento. Inquietações...

Tais incongruências em alguns discursos e práticas, que muitas vezes não sustentam o que anunciam, também se encontram nas palavras de uma aluna participante:

“O distanciamento da universidade e de seus atores dos alvos de seus estudos e “público” de seus desenvolvimentos, bem como o conveniente discurso socialmente engajado que não sustenta nem os modos de relações internos às paredes dos prédios da instituição. Isso é expressão de mal estar”.

Dentre os tecidos discursivos recolhidos foram analisadas as expressões presentes nas demandas de estudantes universitários para atendimento psicológico na CEIP, através dos registros nas fichas de inscrição. Foram recolhidos os documentos referentes ao último ano, tempo desde o qual as inscrições para atendimento psicológico na clínica passam a ser realizadas via registro on-line no site do programa de extensão, através do preenchimento de uma ficha de inscrição, onde são expostos os motivos da procura por atendimento psicológico. Os formulários são divididos por faixas etárias. No ano de 2019, nos períodos de abertura de vagas para atendimento, a clínica recebeu 59 inscrições de adolescentes e adultos, as quais foram analisadas para fins deste estudo. Dentre elas, 15 inscrições traziam explicitadas demandas relacionadas à vivência universitária como motivação na busca para atendimento psicológico.

O sofrimento psíquico e os sintomas são nomeados na maioria delas pelas crises de ansiedade, depressão, tristeza, desmotivação ou desânimo. Ideações suicidas, estresse, dificuldades para dormir e para se relacionar socialmente também são descritas. Além disso, expressa-se a interferência dos sintomas na vida acadêmica, a autocobrança, bem como o sofrimento relacionado a mudança de cidade, à adaptação ao novo ambiente, à problemas familiares e financeiros. Outras manifestações que se destacam referem-se à sensação de “estar perdido”, de “bagunça mental” e à “grande falta de sentido na vida”, presente também no discurso dos professores:

(...) “o sofrimento dos alunos. Isso tem me feito repensar muitas coisas e também tentar compreender o que estamos fazendo que nossos alunos estão adoecidos. Diagnosticados, medicalizados, apáticos, sem brilho no olhar. Um olhar perdido tentando entender “o que vim buscar na universidade”

O ato de se colocar a escrever desencadeia um movimento de historicização e de inscrição das experiências de atuação profissional, na aproximação às demandas de trabalho. Destaca-se a forma como a servidora intitula a sua escrita: *(Re) sentir e (re) significar das vivências de escuta do sofrimento de estudantes...*

“Acompanhava desde alunos de séries iniciais até os adolescentes. Desde situações de aprendizagem, até quadros nos quais os alunos não conseguiam ficar sozinhos na escola (por questões familiares como ideação suicida dos pais, conflitos conjugais, falta de recursos financeiros, envolvimento com ilícitos, abandono de um ou dos genitores, presença de violência intrafamiliar – incluído assassinato de pessoas da família), de indisciplina, de saúde mental, de autolesão, tentativa de suicídio, retenção e infrequência escolar e de violência de docentes para discentes e/ou a violência entre os membros da equipe escolar. Sem suporte para acolher todas as demandas e de encaminhá-las, muitos dos alunos e das queixas dos ditos comportamentos inadequados na escola ficaram sem a devida atenção de observação do que estava gerando esse sintoma ou essa leitura equivocada por parte da escola e o devido encaminhamento/tratamento”.

Propomos a reflexão acerca do que se manifesta nesses discursos aliada às construções de Dunker (2015) quanto demarca a impossibilidade de compreender as configurações históricas do sofrimento psíquico sem partirmos da reconstrução prévia de seus vínculos com a experiência social. Dessa forma, o sofrimento é indissociável de uma experiência narrativa que mobiliza sistemas sociais de valores e expectativas fracassadas de reconhecimento.

O autor define racionalidade diagnóstica no contexto de articulação entre mal-estar, sofrimento e sintoma, a qual “opera cifrando, reconhecendo e nomeando o mal-estar em modos mais ou menos legítimos de sofrimento e, estipulando no interior destes, as formas de sintoma” (DUNKER, 2015, p. 20-21) e nos adverte que a nomeação normativa de um sintoma incluída em classificações é fortemente redutiva em relação ao domínio de experiência que ela comprime e generaliza:

A redução das modalidades de sofrimento a uma mesma gramática normativa e a uniformização dos sintomas à sua forma ocidental contemporânea são processos ideológicos relevantes, tanto porque funcionam como neutralização do potencial crítico que os sintomas psicológicos trazem para a compreensão de determinado estado social quanto pelo papel que os sintomas sempre tiveram, de produzir novas modalidades de laços sociais. (DUNKER, 2015, p.35)

É neste sentido que nos questionamos acerca das construções da gramática de sofrimento manifesto no cenário educacional e de uma racionalidade específica nesse âmbito, institucionalizando formas de gestão do sofrimento e de administração do mal-estar, atreladas

às formas de laço social na contemporaneidade, bem como aos modos atuais de estruturação do sistema universitário e suas lógicas de produção. Novamente recolhemos alguns fragmentos de experiência da pesquisadora, a partir dos diários de experiência:

Além das demandas para atendimento clínico individual, surgem as demandas de outras subunidades da instituição, a partir das quais iniciamos a construção de parcerias e projetos de extensão da clínica para além de seu espaço. A primeira delas foi de determinado curso de licenciatura da instituição, no qual os discentes, ao desenvolverem suas práticas supervisionadas em uma escola do município, depararam-se com o acontecimento do suicídio de um aluno adolescente, frente ao qual houve o silenciamento da comunidade escolar. A equipe da clínica é chamada a auxiliar no enfrentamento de tal situação.

Outra demanda de intervenções extramuros partiu da coordenação de outro curso da instituição, no qual surgiam cotidianamente situações referentes ao sofrimento psíquico, principalmente dos alunos, mas também de docentes e técnicos, bem como situações de abuso e violências, frente às quais era descrito o sentimento de impotência diante da falta de recursos institucionais para a construção de um acolhimento. Iniciamos uma aproximação por meio de uma atividade de extensão, com a proposta de construção coletiva de dispositivos de intervenção, tanto em espaços de escuta individual quanto em grupos.

No discurso dos alunos aparece com frequência o excesso de exigências, a falta de tempo, a sobrecarga, o esgotamento, a valorização de um nível de desempenho que vai além dos limites do corpo, bem como o sentimento de solidão e desamparo na formação, de desesperança e descrença frente ao funcionamento do sistema. Destaca-se em suas falas a caracterização da vivência universitária como um tempo de sobrevivência, significativa que constantemente se repete, junto ao imperativo de “ter que dar conta”. A busca pela medicalização frente ao sofrimento é naturalizada nos discursos, sendo comum a troca de experiências frente ao uso de cada substância e seus efeitos. A valorização dos laços que vão além do espaço da academia, bem como dos encontros de confraternização e as amizades são descritas como “o que faz suportar”.

Por parte da equipe de professores partiam solicitações de mediação de conflitos, as quais também precipitaram questionamentos sobre o quanto os professores conhecem e tem condições de conhecer o perfil do aluno, muitas vezes em função do excesso de atividades com as quais precisam se implicar. Outro ponto de discussão foram as respostas institucionais burocratizadas frente ao sofrimento psíquico, produzindo-se um encaminhamento apressado frente às situações expostas, manifesto pelo enunciado “aqui não

é o lugar adequado para se tratar disso”, fazendo com que, muitas vezes, tal sofrimento não encontre reconhecimento ou seja reconhecido pela via do julgamento moral. Não raras vezes as situações de conflito são judicializadas e tomam o caráter de denúncia. Além disso, a equipe manifesta a percepção de que muitas “situações de crise” não chegam aos espaços institucionais, o que tensiona a inexistência de um lugar para o sofrimento dentro do sistema, o qual é relacionado muitas vezes ao fracasso pessoal.

Dunker (2014) também nos auxilia a problematizar nossos processos de subjetivação, que muitas vezes transparecem nos malefícios de uma forma de vida, atrelados ao diagnóstico de uma época. O autor destaca uma inflação da noção de sintoma, que significando tantas coisas distintas e variadas, perde sua potência clínica e crítica. Ao apontar a diferenciação entre sofrimento, sintoma e mal-estar, ressalta que existem sintomas que parecem produzir sofrimentos reais apenas aos outros que nos cercam. Caracteriza formas específicas de patologia do reconhecimento, muitas vezes manifesta na indiferença frente ao sofrimento, lembrando também que existem formas de sofrimento que parecem continuamente à espera de um nome que as capture:

Ora, os nossos diagnósticos tipo DSM, aqueles que interessam à razão securitária, à economia social do risco, aqueles que implicam a função do Estado, aqueles que segregam as crianças que não aprendem. Ora, tais diagnósticos que acreditam em si mesmos, com força de lei, e que gerem a produção de práticas clínicas, curiosamente estão ficando cada vez mais sólidos. E é uma solidez do tipo que não se desmancha no ar, mas que produz um tipo de convicção, de práticas de consumo, de autorização de modulação química de experiências subjetivas jamais visto antes (DUNKER, 2014, p.89).

A patologia do reconhecimento se expressa de diferentes formas no ambiente educacional, muitas vezes associada a um julgamento moral ou à indiferença, como também mostra a escrita de uma servidora, quando aborda o trabalho do profissional da psicologia no ensino médio técnico e superior, em contraste com a posição de outras áreas frente ao sofrimento psíquico manifesto:

(...) “tal indicação é vista como uma sugestão pessoalizada e questionada – E rebatida com avaliação de julgamento moral em relação ao aluno (...) Mesmo com a ciência da história, o julgamento de valor sobre o aluno e até sua história e família tende a falar muito alto. Lidar desse lugar diante do sofrimento discente é complexo. Nesse percurso, de constituir espaços de aprendizagem, de saúde e de sujeitos, alguns entraves escolares geram

o resultado oposto da missão escolar, chegando a desistência dos alunos, motivada por um processo implícito e frequente na comunidade escolar – uma seleção do aluno ideal para permanecer na instituição e nos alunos nos quais se acredita ser merecido investir para ser o representante externo do aluno a ser formado pela escola e a ser a vitrine do produto na escola na comunidade externa. Um exemplo clássico dessa observação se materializa nas expressões: “é esse aluno que vamos lançar no mundo do trabalho?”; “que condições ele tem para trabalhar depois?”; “é esse aluno que desejamos formar?”; “ele não se ajuda!”; “ele escolhe as disciplinas que vai estar presente ou participar?”; ele conta as faltas para não reprovar?”; “ele não está nem aí para as minhas aulas?”; “ele está sempre desatento?”; “para namorar tem disposição, mas para estudar...”, etc”.

A busca pelo ideal na formação, relacionado a demanda de mercado como objetivo a ser atendido, nos aproxima das reflexões de Chauí (2014) sobre a universidade administrada, a ideologia neoliberal e as formas atuais de gestão da educação. Tais questões são explicitadas na escrita de um docente participante:

“Além disso, acompanhei os primeiros alunos ingressantes até a graduação, podendo, desta forma, visualizar e monitorar o “produto” que estávamos entregando ao mercado”.

Os tensionamentos da discente acerca da formação aparecem em contraponto:

“Professores e professoras que se apossam dos processos formativos como quem se apossa das estratégias de um jogo de xadrez, manipulando seres de seu interesse e massacrando subjetividades “não rentáveis” à sua jornada de ascensão ao posto de “admiráveis” ou “intocáveis”. Isso é expressão de mal estar”.

A partir destes recortes, recolhemos as construções da autora acerca do conceito de ideologia da competência, o qual caracteriza pela afirmação de que a divisão social se realiza entre os competentes e os incompetentes: os primeiros, especialistas que possuem conhecimentos científicos e tecnológicos, em contraponto aos que executam as tarefas comandadas pelos especialistas. Destaca que o discurso competente é aquele proferido pelo especialista, que ocupa uma posição determinada na hierarquia organizacional. Manifesto nas contradições, “a organização é o agente social, político e histórico, sendo os indivíduos e as classes sociais destituídos e despojados da condição de sujeitos sociais, políticos e históricos”.

A competência é característica da organização, ao passo que os indivíduos e classes sociais são incompetentes, “objetos sociais conduzidos, dirigidos e manipulados pela organização”:

Creio que a universidade tenha hoje um papel que alguns não querem desempenhar, mas que é determinante para a existência da própria universidade: criar incompetentes sociais e políticos, realizar com a cultura o que a empresa realiza com o trabalho, isto é, parcelar, fragmentar, limitar o conhecimento e impedir o pensamento, de modo a bloquear toda tentativa concreta de decisão, controle e participação, tanto no plano de produção material quanto no da produção intelectual. Se a universidade brasileira está em crise, é simplesmente porque a reforma do ensino inverteu seu sentido e finalidade – em lugar de criar elites dirigentes, está destinada a adestrar mão de obra dócil para um mercado sempre incerto. E ela própria ainda não se sente bem treinada para isso, donde sua “crise”. (CHAUÍ, 2014, s.p.)

Em articulação às contradições presentes no discurso competente Chauí (2014) denuncia a fragmentação da universidade, em seus processos de ensino e pesquisa, associada a imposição de fragmentação à cultura e ao trabalho pedagógico pelas ideias de especialização e competência, além de determinações extrínsecas associadas a critérios de rendimento e eficácia. Tal ideologia, fundada na desigualdade em relação ao saber, se torna o lugar privilegiado de competição, manifesta não só na busca do diploma universitário a qualquer custo, mas também na nova forma assumida pela universidade como organização destinada a “realizar suas pesquisas segundo as exigências e demandas das organizações empresariais, isto é, do capital. Dessa maneira, a universidade alimenta a ideologia da competência e despoja-se de suas principais atividades: a formação crítica e a pesquisa” (CHAUÍ, 2014, s.p.).

Em algumas escritas de docentes participantes são expressas as incidências deste sistema na produção de sofrimento e mal-estar. A confrontação dos sujeitos com um ideal imposto, parece constantemente atualizar as exigências para um mais além, revelando também a ambivalência entre a satisfação pela produtividade e o reconhecimento do lugar em que todos esses imperativos os colocam:

“A oferta de diversas disciplinas fora da área de domínio de conhecimento é frequente nas instituições privadas. Este fato é favorável na ampliação do conhecimento, porém exige um empenho muito grande para o domínio do conteúdo e oferta das aulas, demandando muito estudo e tempo de preparo e capacitação para o desempenho dessa função. Por outro lado, essa condição gera um estresse muito grande devido ao empenho e organização do tempo de preparo e oferta das aulas. Na instituição pública esse fato vem ocorrendo, pois com a aposentadoria de alguns docentes e a falta de contratação de novos

profissionais, muitas vezes há a distribuição de aulas de outras áreas de domínio, por vários docentes. Esse fato não me causa desconforto, pois, essa situação vivenciei anteriormente, contudo o estresse muitas vezes está presente.”

Na pesquisa realizada por Pereira (2016) acerca do mal-estar docente, são expressos um crescente esgotamento, absenteísmo e hipermedicalização, além de queixas acerca das precárias condições de trabalho, de uma paralisia profissional, depressão e fenômenos associados, como estresse, transtorno bipolar, alimentar, pânico, bem como consumo de álcool. Para o autor, as constantes demandas a que estão submetidos relacionam seu êxito profissional ao êxito de todos, expondo sua vulnerabilidade. Ao avaliar o aluno, o que se avalia é o próprio trabalho do professor, colocando em suspeita sua competência:

Todas as exigências impossíveis, as demandas, os confrontos, os julgamentos, podem levá-lo ao sentimento de fracasso, à culpa, à impotência, constituindo uma real prova contra seu narcisismo. Acreditando-se responsável pela transmissão do saber, com base nos ideais pedagógicos que a formação e a sociedade ocidental lhe imprimem e, ao mesmo tempo, sob ameaça contínua de não efetivá-la, o professor tende a viver o fracasso como algo muito próprio. (PEREIRA, 2016, p.110 – 111)

Também encontramos a expressão de algumas dessas questões apontadas pelo autor na escrita de uma docente:

“A caminhada vai se consolidando, você começa a se desvendar também nas suas possibilidades. Digo isso, pois a vida acadêmica é perversa, egóica, competitiva. O lattes passa por cima de todos. Você acha que não dará conta, que não publica o suficiente... Enfim, vai observando como cada colega também lida com isso. Depois da maternidade, você precisa de terapia para entender que a vida acadêmica não terá mais o mesmo ritmo. Sua produção é outra e você descobre que é possível, que você sobrevive”.

Charczuk (2017) destaca que o sofrimento docente também pode estar relacionado a práticas, arranjos escolares e situações educacionais em que o professor é destituído de sua subjetividade em seu exercício, de sua singularidade. Para a autora, determinadas situações podem transformar a relação educativa em palco para a objetificação dos sujeitos, expropriando-lhes seus saberes e reduzindo a possibilidade de criação e invenção. Dessa forma, formula apostas em espaços de fala, que possam ser instituídos inclusive na formação de professores, onde estes possam dizer de si, de seu trabalho e de seu sofrimento.

Relacionadas às reflexões acerca do cenário universitário, observamos que as expressões do mal-estar docente também se encontram nas práticas educativas instituídas, manifestas no discurso de um professor que, para além de seu cargo, exerce uma função de gestão dentro da universidade:

(...)”o que gera mais mal-estar é a incapacidade de poder mudar as situações que claramente geram mal-estar nos alunos, em especial nas relações professor-aluno com algumas atitudes e métodos que não deveriam ser utilizados, mas que como são da responsabilidade do docente e estes não estão sob “comando” da coordenação e se não há vontade de mudar o “sistema” não obriga”.

Por meio da escrita, a narrativa dos excessos institucionais parece encontrar espaço de inscrição, de registro de uma multiplicidade de funções assumidas que se enumeram:

“O desafio das instituições públicas atualmente é conciliar as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Somos contratados para o ensino, porém esse “tripé” é indissociável para o exercício da docência. Dessa forma, o grande estresse encontra-se nessa habilidade de exercer todas essas atividades de forma satisfatória. (...) Essa multifuncionalidade ativa me coloca em uma situação de movimento frenético, que ora se constitui em diversos cenários de atuação ampliando minhas habilidades e competências e ora me coloca em posição de fadiga. (...). Sendo assim, a organização do tempo para a realização de todas as atividades é um desafio, pois muitas atividades não são realizadas como gostaria, gerando algumas insatisfações. (...) Da mesma forma, conciliar toda essa demanda com os assuntos familiares tem sido instigante (...). Uma questão desafiadora ao docente é o fomento das pesquisas. (...) A classificação docente nos órgãos de pesquisa, por produção docente, é um fator estressante, pois a elaboração de pesquisas estruturadas que despertem a classificação e investimento no projeto de autoria é insano. Esse fato contribui com a ansiedade docente. A exigência por produtividade convoca a um estado de constante tensão, pois interfere no andamento das atividades da pós-graduação. Os órgãos de fomento investem em pesquisadores experientes, com altos índices de publicação”.

A produção escrita do docente encontra-se com as reflexões de Costa (2017), ao questionar a investida neoliberal em prol do desmonte das instituições públicas, a qual impõe aos sujeitos a criação de estratégias de sobrevivência:

A gestão da educação superior nos pareceu igualmente mimetizada por este novo design. As universidades públicas, ao mesmo tempo em que se viram mobilizadas por pautas e políticas socialmente inclusivas (com grandes conquistas neste sentido), acabaram por aderir a estratégias de gestão tipicamente neoliberais. O crescimento qualitativo das universidades enquanto protagonistas de pautas sociais extremamente relevantes (somente possível, diga-se de passagem, mediante o investimento direto do Estado), foi acompanhado por uma lógica de distribuição de recursos que preconizava uma visão individualizada e escancaradamente competitiva. A lógica da internacionalização a todo custo, a concorrência externa e interna por meio de grandes editais, a meritocrática distribuição de bolsas de produtividade, o financiamento de pesquisas a partir de ranqueamentos pouco humanitários, toda uma moral nitidamente neoliberal para sustentar os proventos de um trabalho de natureza supostamente social. Por mais que o ideário das universidades públicas se colocasse a serviço de um projeto de sociedade, os valores que o subsidiavam pareciam de outra ordem. Retornamos, pois, à ideia de moderação, de que era necessário estarmos mais ou menos vinculados a esse design para que pudéssemos sobreviver, que fossemos mais ou menos competitivos, mais ou menos empreendedores, mais ou menos ávidos para que nos tornássemos merecedores de sobrevivências acadêmicas mais ou menos compensatórias (COSTA, 2017, p.23).

Ao tensionar as formas de gestão desse sistema o autor evoca a dimensão micropolítica na construção de modos criativos de resistência, como formas de resposta do desejo à experiência da desestabilização e mal-estar provocados. Convoca-nos a traçar, com nossas pesquisas, nossas escritas e modos de viver-junto, cartografias capazes de construir possibilidades de trânsito no ambiente acadêmico, diante das forças que colonizam nossa experiência imediata.

A construção desses espaços possíveis, a contrapelo das imposições deste cenário obscuro, na produção de encontros que buscam os sujeitos da experiência, é evocada pela narrativa da discente:

“Atualmente, percebo que nossos alunos precisam de um olhar atento, de alguém que escute suas angústias, suas questões, seus medos, anseios... alguns precisam ou buscam um abraço, um olhar, um “oi, tudo bem”? Coisa mínimas no relacionamento interpessoal diário. Mas para querer/poder ouvi-los preciso querer e saber que serei afetada por isso. Que de alguma forma preciso me envolver. Construimos um grupo que não é só de pesquisa, ensino ou extensão. É um grupo de afeto, de cuidado.

Junto a estas construções, recolhemos um trecho da escrita de uma profissional:

“O que hoje realmente me toma experiencialmente são as possíveis projeções futuras. Como sustentar uma ética que muitas vezes é contrária à lógica universitária? Neste espaço

que habito, ainda me é possível e por isto permaneço. Convivo com pessoas que respeitam o tempo, produzimos laços interessantes e um respiro àqueles que chegam à clínica submersos. Como são possíveis estas produções? Serenidade e sinceridade. Não cair num discurso óbvio sempre me pareceu recomendável, não reproduzir queixas, mesmo que às vezes, me veja envolta delas. Os que se sentem perseguidos estão sempre aqui, tentando produzir sensações análogas sem perceber. Não tememos, não dependemos disto, isto não somos nós. A psicanálise assegura este espaço subjetivo e é por isto que seguimos na intenção de transmiti-la. É assim que estou com os outros hoje, por isto talvez meu mal estar não seja tão mal assim”.

Dessa forma, a tecitura de tais redes discursivas acerca das formas de expressão contemporâneas do mal-estar na universidade, pela narrativa das experiências do percurso deste estudo, busca alinhar seus últimos traçados. Estes vão se entrelaçando no reconhecimento da existência de muitos fios soltos pelo caminho, bem como de alguns nós impossíveis de desatar, que nos remetem a dimensão de incompletude, de intransmissibilidade e dos limites da linguagem. O indeterminado. O desconhecido. O bordado dessa trama também mostra um desenho descontínuo em seus avessos, que transparecem a dimensão impossível do educar e seus restos, no não-saber que buscamos contornar pela palavra.

Restam amarrações e enlaces possíveis dentre fios significantes das livres associações. Muitas delas nos fazem interrogar questões do nosso tempo, formas de laço social. As diversas tentativas de nomear o mal-estar contornam as inquietações que deram forma a esta pesquisa, referentes à produção de sofrimento psíquico no cenário universitário, produzindo efeitos de elaborações. Uma lógica por vezes perversa, hostil, violenta, produtora de indiferenças, intolerâncias e segregações. De inibições, silenciamentos e passagens ao ato. O tempo da velocidade e da estagnação, a impossibilidade de pausas e intervalos. A inexistência de limiars e passagens que permitem elaborações. Restos recolhidos das experiências, de sua escrita e inscrição. A potência da escrita como produtora de espaços e tempos de subjetivação. Elementos significantes de uma experiência de pesquisa que busca ressituar práticas e dispositivos de intervenção.

Nesse sentido, retornamos às provocações do fragmento que abre este ensaio: “*como não recuar nos limiars, não se ausentar da passagem, transmissão do que por vezes é da ordem do inenarrável*”? Insistimos na constituição da experiência, no exercício do desejo, pela circulação da palavra. Na busca pelos limiars, a livre associação da discente encontra na produção artística possibilidades de elaboração de um tempo.

Sobre viver e experimentar – re (existir), (re) sentir, (re) significar. Criar:

“Mal estar é perceber que existem mais cicatrizes sob o sol do que os espaços de escuta dentro de uma instituição interessados em conhecer. É doloroso saber que essa limitação também serve a algo, afinal, como a letra de uma música que tanto marca a experiência de 2019, ao tanta dor roubar nossa voz, o que resta de nós? Alvos passeando por aí. No sinal AmarElo do percurso de narrar a si mesmo, pode-se ler escrito:

“Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência é roubar o pouco de bom que vivi.”

Emicida, 2019²⁸.

E não me resumo. Não me entrego à dor teorizada de uma ciência que dá conta de termos para enumerar opressões, mas não dá conta de enxergar quem oprime em seu nome. Minhas vivências são múltiplas, o alcance das minhas experiências não se encerram no cilindro de um canudo. E dentro desse alcance, que bom poder contar com pessoas interessadas nessas narrações tantas vezes silenciadas, tantas vezes desvalorizadas ou adaptadas às fórmulas da reprodutividade científica, só “validáveis” se publicáveis. Que bom se perceber acompanhada por pessoas que acolhem tanto sorrisos quanto cicatrizes. Que bom poder escrever a quem se sabe interessada em literar-se de outras(os) autoras(es). Que alívio ter espaço para mais do que sobreviver em meio acadêmico. Já não me resumo a falar apenas do que é ruim, porque há muito mais de mim por aí, e eu não ando mais só. Então,

“Levanta essa cabeça

Enxuga essas lágrimas, certo? (Você memo)

Respira fundo e volta pro ringue (vai)

'Cê vai sair dessa prisão

'Cê vai atrás desse diploma

Com a fúria da beleza do Sol, entendeu?

Faz isso por nós, faz essa por nós (vai)

Te vejo no pódio

Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro.”

E àqueles(as) ousados(as) escritores(as) de suas próprias linhas, atenção: o pódio será pequeno para todas(os) nós”.

²⁸ Referência ao álbum *AmarElo* e a música de mesmo título, composto pelo rapper brasileiro Emicida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

RESTOS-RETALHOS: TECITURAS DA EXPERIÊNCIA EM TEMPOS SOMBRIOS...

Ao final dessa travessia, algumas falas e escritas insistem em ecoar. Significantes que inscrevem algumas expressões contemporâneas do mal-estar na universidade e, porque não dizer, no cenário social do nosso tempo. Precipitados da experiência que decantam de narrativas diversas. *O desamparo, a velocidade, a estagnação, a sobrevivência, o esgotamento, a indiferença, o silenciamento.* A destituição subjetiva. A ausência de limiares. São restos-retalhos da tecitura desse percurso de pesquisa que constituem formas de nomear o mal-estar, de fazer registro e inscrição do que inquieta, do que produz sofrimento, nos limiares da escrita. Elaboraões que criam formas de *dar escape aos não-ditos*, produzindo encontros *destemidos com o desconhecido*, disparando *correntes de significação*.

Continuamos a nos deparar com os *atordoantes aspectos da contemporaneidade. A suspensão do tempo frente ao choque do real.* No momento em que escrevo estas linhas, estamos envoltos em um acontecimento que interpela a todos, sem distinções de qualquer ordem. A expressão do mal-estar nos toma a partir de um mesmo lugar. Isolados, reclusos no combate a um inimigo invisível. Uma condição contingente de saúde pública, uma pandemia, que nos impôs uma paragem, um intervalo frente ao emaranhado de vivências cotidianas. Uma pausa de tempos indeterminados. A vivência que forja reflexões, ainda mais urgentes, sobre a constituição de experiências limiares cotidianas. Muitos de nós ainda respondem espelhados aos imperativos de nossa época: produzir fazeres neste intervalo, tirar proveito desse tempo.

A condição de exílio, para além do que nos convoca o ato de escrita, conforme nos suscitaram as construções desta pesquisa, se torna uma necessidade real, no isolamento social. Porém, um descentramento subjetivo já nos demanda um esforço maior, pois as novas informações e novos acontecimentos nos convocam constantemente, denunciando riscos. Estamos no tempo de *testemunho sobre a vivência*, buscando recursos narrativos, formas de nomear o mal-estar e o sofrimento que encontrem *um registro simbólico de tal experiência*, frente ao real que não cessa de interpelar. *Impotência, incertezas, fragilidade, vulnerabilidades...*

Uma vivência que nos coloca frente ao novo, que certamente nos tornará outros. Um intervalo que impõe tensionamentos sobre nossos modos de ser e de viver, modos de produção e de circulação dos afetos. Tensionamentos também precipitados a partir das

inquietações que originaram esta pesquisa. Tais acontecimentos constituirão fronteiras ou limiares? Voltaremos silenciados deste combate, como refere Benjamin (2012/1933) acerca dos soldados frente ao choque da experiência de guerra? Percebemo-nos como minúsculos e frágeis corpos humanos frente a um campo destrutivo de forças, em aproximação à narrativa do autor acerca daquela experiência, fazendo frente ao desamparo.

As formas de gestão do sofrimento e administração do mal-estar mostram sua face mais perversa, propondo-nos escolhas entre a vida ou o capital, entre formas de sustento e de renda ou a preservação da saúde. Um paradoxo perverso. Um “estado suicidário”, como bem nos descreve Safatle (2020), na construção de uma denúncia ao que caracteriza como “um novo estágio nos modelos de gestão imanentes ao neoliberalismo. Agora, é sua face a mais cruel, sua fase terminal” (SAFATLE, 2020, p.4).

De alguma forma, as leituras e escutas construídas a partir deste percurso de pesquisa recolhem o mal-estar proveniente do confronto dos sujeitos com estas lógicas. *Racionalidades neoliberais*. Muitas vezes violentas, intolerantes, segregadoras. Os *condicionamentos e as sobrevivências acadêmicas*. *O aluno-produto entregue ao mercado*. Lógicas que também sustentam uma gramática de sofrimento no cenário educacional. A escrita que flui no movimento das livres associações denunciando o mal-estar. A escrita que o bordeia, contorna, para dele não dizer. A escrita impossível. As inscrições em ato. São recortes de alguns efeitos dos discursos que organizam o laço social nas vivências universitárias e nas nossas formas cotidianas de fazer laço.

Lembramos Agamben (2005, p.21;23) quando afirma que o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência e a incapacidade de fazê-la e transmiti-la “talvez seja um dos poucos dados certos de que disponha sobre si mesmo”. O autor também aponta o insuportável de nossa incapacidade de traduzir em experiências nossa existência cotidiana. Porém, constatando tal realidade, ainda insiste - na esteira da herança benjaminiana - na possibilidade de existência de “um germe de experiência futura”, em hibernação, apostando no escrito como um lugar lógico para que possa atingir a maturação.

Como não recuar frente ao inenarrável? Como sustentar-se como sujeito em meio a contextos engolfantes? Como sustentar uma ética muitas vezes contrária à lógica universitária?

Torna-se impossível pensar a respeito do final de um percurso de pesquisa sem ser interpelada pelas expressões mais atuais do mal-estar, nos limites entre a vida e a morte, nas condições de *sobrevivência*. Significante que insiste por entre os traçados desta pesquisa, relacionado ao cenário educacional. As associações em meio a esta rede significativa nos

remetem às condições de enunciação dos sujeitos na atualidade, muitas vezes destituídos da possibilidade de narrar-se. Sem espaços e tempos.

O silenciamento de muitos estudantes em resposta a proposição deste estudo nos faz refletir sobre formas não convencionais de escuta e intervenção, implicadas com estas incidências dos fenômenos sociopolíticos nos sujeitos e na criação de formas de elaboração simbólica do vivido. A percepção de *alunos adoecidos, a apatia, o olhar perdido. O adoecimento, a medicalização como estratégia para suportar, a falta de brilho no olhar.* Caracterizações que nos remetem mais uma vez às produções de Agambem (2008) ao enunciar que o biopoder contemporâneo reduz a vida à sobrevivência, elimina o corpo e o mantém numa zona intermediária entre a vida e a morte, produzindo sobreviventes. Referenciando as construções do autor, Pelbart (2013) aponta que tal condição de sobrevivente caracteriza um efeito generalizado do biopoder, não mais restrito apenas aos regimes totalitários, mas incluindo “a democracia ocidental, a sociedade de consumo, o hedonismo de massa, a medicalização da existência, em suma, a abordagem biológica da vida numa escala ampliada” (PELBART, 2013, p. 27).

Como produzir passagens do mal-estar ao ato criativo? Como fazer frente ao desamparo discursivo? Aqui, encontramos na escrita uma possibilidade de *fazer a experiência falar*, de produção narrativa, advertidas de tantas outras possíveis, na aposta em nossa responsabilidade cotidiana enquanto profissionais e na potencialidade de nossas práticas criativas. A ética da psicanálise nos convoca ao encontro com a transitoriedade nos limiares, com a transitoriedade de nossas vidas. Passagens constitutivas de experiências e de subjetividades. Brechas, fendas, deslocamentos, esses lugares-do-*entre* que se abrem, em suspensões temporais por onde os sujeitos possam emergir. Lugares de ruptura, de rompimentos com o estabelecido, de aberturas para o novo e de avessos produtivos de traçados singulares. A construção de espaços-tempo de circulação da palavra, de precipitação do sujeito da experiência, situa sua aposta nas experiências limiares nomeadas por Benjamin: o despertar, a conversação e o sonho como passagens, zonas de transição criativas e transformadoras, que constituem novas posições enunciativas. Não recuemos frente à *travessia indeterminada e perigosa da experiência*. Pelo fragmento recortado da música evocada pela estudante, buscamos lampejos frente a tanta obscuridade:

“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes (...)

Pra que amanhã não seja só um ontem

Com um novo nome”

6 REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *O que é o contemporâneo?* In: _____. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko . Chapecó: Argos, 2009.

ARENDDT, H. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Entre o passado e o futuro*. 8.ed [tradução Mauro W. Barbosa]. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BENJAMIN, W. *A Paris do Segundo Império em Baudelaire*. In: KOTHE, F. (Org.). **Walter Benjamin: sociologia**. São Paulo: Ática, 1991, p. 44-122.

_____. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 (1937).

_____. *Experiência e pobreza*. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas, v.1, São Paulo: Brasiliense, 2012 (1933).

_____. *O narrador*. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas, v.1, São Paulo: Brasiliense, 2012 (1936).

_____. **Rua de mão única**. Obras escolhidas, v.2, São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **Passagens**. Willi Bolle e Olgária Matos (orgs.). Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009 (1927-1940). Tradução de Irene Aron.

BETTS, J. *Desamparo e Vulnerabilidades no Laço Social – a função do psicanalista*. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre / Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. n. 45-46, jul.2013/jun.2014. Porto Alegre: APPOA, 2014.

CHARCZUK, S. B. In: *Colóquio Internacional do LEPSI (12.: 2017: São Paulo)*.

CHAUÍ, M. **A ideologia da competência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

COSTA, A. **Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão da experiência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

COSTA, A.; RINALDI, D. (org.). **Escrita e psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud: UERJ, Instituto de Psicologia, 2007.

_____. **A escrita como experiência de passagem**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.

COSTA, L. B. **Aos que ainda escrevem: a escrita acadêmica nos designs do neoliberalismo.** Linha Mestra, n.33, p.21-28, set.dez.2017

DUNKER, C.I.L. Tudo o que é sólido desmancha no ar? A liquidez da modernidade como patologia social. In: VOLTOLINI, R. **Retratos do mal-estar contemporâneo na educação.** São Paulo: Escuta/Fapesp, 2014.

DUNKER, C. I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros.** 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

ELIA, L. (1999). **A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso?** *Psicologia: reflexão e crítica*, 12(3), 00.

FERREIRA, T.; VORCARO, A. (orgs.). **Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita.** 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1985).

_____. Carta 112 [52], de 6 de dezembro de 1896. In:_____. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**, v.5, Neurose, Psicose, Perversão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016 (1896). p. 35-45.

_____. Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In:_____. **Obras completas**, v. 12. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914-1916]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1915), p. 156-184.

_____. Introdução a Psicanálise das neuroses de guerra. In:_____. **Obras completas**, v. 14. História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos [1917-1920]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1919), p. 288-292.

_____. **Psicologia da Massas e Análise do Eu.** Porto Alegre, RS: L&PM, 2016 (1921).

_____. **O futuro de uma ilusão.** 2 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017 (1927).

_____. **O mal-estar na cultura.** 2 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017(1930).

_____. **Recomendações ao médico que pratica a Psicanálise.** In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, v. 10. São Paulo: Cia das Letras, 2010 (1912). p.111-122.

_____. Análise terminável e interminável. In:_____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** v.23. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1937).

FONSECA, T. M. G. et al. O cotidiano frente à experiência liminar. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 180-188, Ago. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198402922018000200180&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 Set. 2019.

GAGNEBIN, J. M. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.

GURSKI, R. **Juventude e paixão pelo real: problematizações sobre experiência e transmissão no laço social atual**. 2008. 219 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2008.

_____. **Três Ensaio sobre Juventude e Violência**. São Paulo: Escuta, 2012.

_____. Três Tópicos para pensar (a contrapelo) o mal-estar na educação. In VOLTOLINI, R. (Org.). **Retratos do Mal-estar na educação contemporânea**. 1ed. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2014, p. 167-180.

_____. Formação de professores e transmissão da experiência: narrar, poetar, profanar. In: VASQUES, C.K; MOSCHEN, S.Z. (orgs.). **Psicanálise, educação especial e formação de professores: construções em rasuras**; 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/173125/001061567.pdf?sequence=1>>
Acesso em 15 ago. 2018.

_____. A escuta-flânerie como efeito ético-metodológico do encontro entre Psicanálise e Socioeducação. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v.51.2, p. 166-194, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382019000200009>
Acesso em: fev. 2020.

GURSKI, R.; STRZYKALSKI, S. A pesquisa em psicanálise e o “catador de restos”: enlaces metodológicos. **Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. XXI, n.3. p. 406-415. set/dez. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v21n3/1809-4414-agora-21-03-406.pdf> . Acesso em: 26 jan. 2019.

GURSKI, Rose; PEREIRA, Marcelo Ricardo. A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 429-440, dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642016000300429&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: fev. 2018.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? **Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 6, n. 1, p. 115-138, jan/jun 2003.

KEHL, M. R. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

_____. **Tempo e narrativas**. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (org.). Escrita e psicanálise. Rio de Janeiro: Cia. de Freud: UERJ, Instituto de Psicologia, 2007.

KOLTAI, C. O desejo do psicanalista face ao desamparo contemporâneo. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre** / Associação Psicanalítica de Porto Alegre. n. 45-46, jul.2013/jun.2014. Porto Alegre: APPOA, 2014.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 (1953). p.238-324.

_____. **O Seminário. Livro 2**. O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985 (1954-1955).

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 (1967). p.248-264.

_____. **O Seminário. Livro 17**: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992 (1969/1970).

_____. Ato de fundação. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 (1971). p. 235-247.

_____. **O Seminário. Livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008 (1964).

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782002000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: mar.2018.

_____. **O ensaio e a escrita acadêmica**. Revista Educação e Realidade, v. 28, n. 2, p.101-115, jun./dez. 2003.

_____. **A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida**. Revista Educação & Realidade. v. 29 (1), p. 27-43. jan/jun 2004.

MAIA, E. A. Apresentação. In: FERREIRA, T.; VORCARO, A. (orgs.). **Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MENEZES, L. S. **Desamparo**. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo, SP. Casa do Psicólogo, 2008.

MOREIRA, J. de O.; OLIVEIRA, N. A.; COSTA, E. A. Psicanálise e pesquisa científica: o pesquisador na posição de analisante. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 50.1, n. 2, p. 119-142, dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382018000200007&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em 21 jun. 2019.

PELBART, P.P. O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 edições, 2013.

PEREIRA, L.S. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (org.). **A escrita como experiência de passagem**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.

PEREIRA, M. R. **O nome atual do mal-estar docente**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2016.

_____. **Psicanálise, educação e sintoma: uma introdução.** In: PEREIRA, M. R. (org.). Os sintomas na educação hoje: que fazemos com “isso”? Belo Horizonte: Scriptum, 2017.

POLI, M.C. Pesquisa em Psicanálise. Revista da APPOA, n.29. p. 42-47. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.** Porto Alegre, n. 29, p. 42-47, dez. 2005.

PUJÓ, M. Trauma y desamparo. **Revista Psicoanálisis y el hospital**, vol.17, jun. 2000, p. 5-29.

QUINET, A. **Os outros em Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RICKES, S. M. **No fio da palavra.** Organon, v.20, n.40/41, jan-dez, p.17-27. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/39563>. Acesso em 13 de jan 2019.

_____. Entre a sujeição e o domínio, vibra a posição sujeito: reverberações éticas de uma concepção do sujeito como lugar enunciativo. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 15-24, Aug. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822007000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 30 de jan. 2020.

RIOLFI,C.; BARZOTTO, V.H. (org.). **O inferno da escrita: produção escrita e psicanálise.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

ROSA, M.D. **A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica.** Revista Mal-estar e Subjetividade, v. IV, n. 4(2). p. 329-348, set. 2004. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27140208>> Acesso em: mar. 2018.

_____. **Psicanálise, política e cultura: a clínica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento.** 2015. 144 p. Tese de livre-docência. Departamento de Psicologia Clínica. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

_____. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento.** São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.

ROSA, M. D.; ESTÊVÃO, I. R.; BRAGA, A. P. M. **Clínica psicanalítica implicada: conexões com a cultura, a sociedade e a política.** Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v.22, n.3, p.359-369, jul/set. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/35354>>. Acesso em: mar. 2018.

SAFATLE, V. **Bem vindo ao estado suicidário.** São Paulo, Latesfip/USP, 2020. Disponível em: <https://n-1publications.org/004> Acesso em: mar. 2020.

SELIGMANN-SILVA, M. A cultura ou a sublime guerra entre amor e morte. In: FREUD, S. _____. **O mal-estar na cultura** [1930]. 2 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017. p.21-38.

SOUSA, E. L. A. de. **O inconsciente e as condições de uma autoria.** **Psicol. USP**, São Paulo, v.10, n.1, p.225-238, 1999. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365641999000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 jan. 2019.

VOLTOLINI, R. **A normatividade como anomalia na pesquisa psicanalítica.** In: PEREIRA, M. R. (org.). Os sintomas na educação hoje: que fazemos com “isso”? Belo Horizonte: Scriptum, 2017.